



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A TERRITORIALIDADE RELIGIOSA TEMATIZADA NA
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS
PENTECOSTAIS NO BAIRRO ZUMBI DOS PALMARES,
EM MANAUS - AM (2019-2021)**

ANTONIO JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA

**Manaus
2022**

ANTONIO JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA

**A TERRITORIALIDADE RELIGIOSA TEMATIZADA NA
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS
PENTECOSTAIS NO BAIRRO ZUMBI DOS PALMARES,
EM MANAUS - AM (2019-2021)**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia da
Universidade Federal do Amazonas -
PPGEOG/UFAM como parte do
requisito final para a obtenção do
título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Castro de Lima

**Manaus
2022**

Ficha catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O48t Oliveira, Antonio José Gomes de
A territorialidade religiosa : tematizada na distribuição espacial das igrejas evangélicas pentecostais no bairro Zumbi dos Palmares em Manaus, AM (2019-2021) / Antonio José Gomes de Oliveira .
2022
94 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Marcos Castro de Lima
Dissertação (Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Territorialidade religiosa. 2. Igrejas evangélicas. 3. Pentecostalismo. 4. Espaço urbano. 5. Geografia da religião. I. Lima, Marcos Castro de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos, a eles sou grato pelo apoio e incentivo. Aos benfeitores que não mediram esforços para me ajudar durante a pesquisa, especialmente a Dom Sérgio Eduardo Castriani, Arcebispo Emérito de Manaus, de saudosa memória e à Fernanda Rafaela. Aos diletos professores a minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Deus, àquele que me chamou à vida e ao ministério ordenado e que é fiel.

Agradeço ao meu pai Antonio Pereira de Oliveira e à minha mãe Maria Florisa Gomes de Oliveira, aos meus irmãos Raimundo, Francisco, Caroline e Ir. Maria do Desterro, MRSCJ.

Gratidão pelo incentivo dos colegas da graduação do Departamento de Geografia. Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Castro de Lima, Geógrafo e Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, pelas contribuições e pela orientação no decurso da pesquisa acadêmica.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos.

“Nada do que é humano me é estranho”
Terêncio, poeta romano, 159 a. C.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a territorialidade religiosa das igrejas evangélicas pentecostais a partir de uma caracterização da organização socioespacial alinhada à estrutura religiosa em sua dinâmica de estratégia de crescimento no interior dos ciclos de reprodução pentecostal. O posicionamento e a espacialidade dos templos evangélicos de diferentes denominações pentecostais e o modo como elas se articulam e interagem no espaço geográfico, constituem um sistema territorial religioso no espaço urbano. Em outras palavras, uma estrutura religiosa é visibilizada numa paisagem religiosa, neste caso, evangélica pentecostal, no contexto de uma rede territorial de atuação que segue o ritmo da sociedade contemporânea. São os objetivos específicos desta pesquisa: caracterizar a organização socioespacial a partir das relações sociais vinculadas à estrutura religiosa no atual contexto do espaço urbano da metrópole Manaus; entender o fenômeno religioso na sua dimensão simbólica no espaço geográfico enquanto produção e reprodução da prática socioespacial; relacionar os processos socioespaciais no bairro Zumbi dos Palmares com a territorialidade religiosa das igrejas cristãs evangélicas pentecostais expressa na distribuição espacial dos templos. Portanto, a partir do estudo da espacialidade dos templos pentecostais em maior número no bairro Zumbi dos Palmares em Manaus foi possível desenvolver a investigação da territorialidade religiosa, caracterizando a organização socioespacial. Este estudo também oportunizou identificar a atuação de uma rede territorial do pentecostalismo por dentro das malhas institucionais das igrejas na sua dinâmica de expansão no tecido urbano, considerando o recorte espacial, a saber, o bairro Zumbi dos Palmares em Manaus e dentro de um recorte temporal (2019-2021).

Palavras chave: Territorialidade religiosa - Igrejas evangélicas – Pentecostalismo - Espaço urbano - Geografia da religião.

ABSTRACT

The present research has as general objective to understand the religious territoriality of pentecostal evangelical churches from a characterization of the sociospatial organization aligned with the religious structure in its dynamics of growth strategy within pentecostal reproduction cycles. The positioning and spatiality of evangelical temples of different Pentecostal denominations and the way they articulate and interact in geographic space constitute a religious territorial system in urban space. In other words, a religious structure is visualized in a religious landscape, in this case, pentecostal evangelical, in the context of a territorial network of action that follows the rhythm of contemporary society. The specific objectives of this research are: to characterize the sociospatial organization based on the social relations linked to the religious structure in the current context of the urban space of the metropolis Manaus; understand the religious phenomenon in its symbolic dimension in the geographical space as the production and reproduction of socio-spatial practice; to relate the sociospatial processes in the Zumbi dos Palmares neighborhood with the religious territoriality of the Pentecostal evangelical Christian churches expressed in the spatial distribution of temples. Therefore, from the study of the spatiality of Pentecostal temples in greater numbers in the Zumbi dos Palmares neighborhood in Manaus, it was possible to develop the investigation of religious territoriality, characterizing the sociospatial organization. This study also made it possible to identify the performance of a territorial network of Pentecostalism within the institutional meshes of the churches in their dynamics of expansion in the urban fabric, considering the spatial cutout, that is, the Zumbi dos Palmares neighborhood in Manaus and within a time frame (2019-2021).

Keywords: Religious territoriality - Evangelical churches - Pentecostalism - Urban space - Geography of religion.

SIGLAS

CBDA.....	Curso Bíblico Deus é Amor
ETDA.....	Escola Teológica Deus é Amor
NEER.....	Núcleo de Estudos em Espaço e Representações Núcleo
NEPEC.....	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura
NUPEER.....	Paranaense de Pesquisa em Religião
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEADAM.....	Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas
IEADTAM.....	Igreja Evangélica Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas
IPDA.....	Igreja Evangélica Deus é Amor
IPUB.....	Igreja Pentecostal Unida do Brasil
PEMU.....	Projeto Evangelístico Missão Urgente
CEADTAM.....	Convenção Estadual da Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Distribuição perceptual da população, por grupos de religião.....	36
FIGURA 2 - Mapa com a localização do bairro Zumbi dos Palmares em Manaus....	40
FIGURA 3 - Ponto de Oração da Igreja Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas, localizado no Beco Bom Jesus (Fundo de vale), Bairro Zumbi dos Palmares - Manaus – AM	47
FIGURA 4 - Ponto de Oração da Igreja Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas, registro fotográfico de 2022.....	47
FIGURA 5 - Placa de uma igreja já desativada, estava situada na rua Coronel Bolcinhas, esquina com a rua Pegoraro, Bairro Zumbi dos Palmares, Manaus – AM.....	49
FIGURA 6 - Um mesmo imóvel que já foi alugado para duas igrejas evangélicas. Rua Pegoraro, Bairro Zumbi dos Palmares, Manaus – AM.....	49
FIGURA 7 - Detalhe da placa da igreja fixada no imóvel na rua Coronel Bolcinhas, esquina com a rua Pegoraro, bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus – AM.....	50
FIGURA 8 - Templo (alugado) da Igreja Assembleia de Deus no Amazonas, situado numa parte mais baixa do bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus – AM.....	52
FIGURA 9 - Templo (alugado) da Igreja Assembleia de Deus no Amazonas. Essa placa em 2022 foi vista durante a pesquisa de campo fixada num terreno nas imediações, onde está sendo construído novo templo.....	52
FIGURA 10 - Templo da Igreja Pentecostal Deus é Amor, ao lado de outro templo. Bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus – AM	53
FIGURA 11 - Imóvel localizado na rua Bom Jesus, bairro Zumbi dos Palmares, Manaus – AM.....	55
FIGURA 12 - Imóvel, onde funcionava um templo evangélico, com uma placa por meio da qual os proprietários anunciam a disponibilidade para locação. Bairro Zumbi dos Palmares – Manaus-AM.....	55
FIGURA 13 - Imóvel, onde funcionava um templo evangélico, detalhe da placa anunciando que está disponível para locação. Bairro Zumbi dos Palmares – Manaus-AM.....	56

FIGURA 14 - Panfleto distribuído e colocado nas caixas de correios das residências dos moradores do bairro Zumbi dos Palmares em Manaus - AM.....	58
FIGURA 15 - Detalhe sobre a data de fundação da Igreja Evangélica Pentecostal Jesus da Galiléia	61
FIGURA 16 - Templo religioso da Igreja Evangélica Pentecostal Jesus da Galiléia, com informações sobre a data de fundação: 06 de janeiro de 1980.....	62
FIGURA 17 - Detalhe da fachada de uma igreja no bairro Zumbi dos Palmares, com destaque para a data da fundação, local e nome do fundador.....	62
FIGURA 18 - Placa indicativa do Templo da Igreja Pentecostal Deus é Fiel. Ocupação em via pública.....	64
FIGURA 19 - Templos religiosos evangélicos lado a lado: Assembleia de Deus do Belém no Amazonas e Igreja Assembléia de Deus no Amazonas.....	65
FIGURA 20 - Detalhe da proximidade dos Templos religiosos evangélicos da igreja Assembleia de Deus do Belém no Amazonas e da Igreja Assembléia de Deus no Amazonas.....	65
FIGURA 21 - Religião e territorialidade - Modelos de ocupação espacial.....	68
FIGURA 22 - mapeamento dos templos evangélicos da IEADAM.....	71
FIGURA 23 - Início da construção de um templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas.....	72
FIGURA 24 - A Igreja Evangélica Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas, ao lado do terreno.....	73
FIGURA 25 - mapeamento dos templos evangélicos da IEADTAM.....	74
FIGURA 26 - Templo da Igreja Pentecostal Deus é Amor situado à rua Bom Jesus.....	75
FIGURA 27 - mapeamento dos templos evangélicos da Igreja Pentecostal Deus é Amor.....	76
FIGURA 28 - Mapa de Evangelismo da Igreja Pentecostal Unida do Brasil.....	77
FIGURA 29 - Grupo de senhoras da Igreja Pentecostal Unida do Brasil.....	78

FIGURA 30 - mapeamento dos templos evangélicos da Igreja Pentecostal Unida do Brasil.....	79
FIGURA 31 - Templo da IPUB.....	80
FIGURA 32 - Mapa com dados de satélite, recorte 2019 a 2021.....	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Síntese da dualidade da estrutura.....	25
Gráfico 2 - Gráfico mostrando a expansão do movimento pentecostal ao longo da história.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
ESTRUTURA DA TERRITORIALIDADE EVANGÉLICA: CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ATUAL CONTEXTO DO ESPAÇO URBANO DA METRÓPOLE MANAUS	19
1 A perspectiva territorial na geografia da religião: uma abordagem estruturalista e pós-estruturalista de conceitos e temas	19
1.1 Reflexão epistemológica e questão metodológica: o horizonte estruturalista e pós-estruturalista na Geografia Cultural	21
1.2 O substrato material da Geografia da Religião: aspectos culturais e históricos ..	27
1.3 A perspectiva territorial em Geografia da Religião: por dentro de fronteiras e através de processos socioespaciais	29
1.3.1 A Geografia da Religião no Brasil	32
1.3.2 As igrejas Pentecostais no atual contexto da cidade de Manaus	35
2 Caracterização da organização socioespacial da territorialidade evangélica no bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus- AM	38
II. COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM RELIGIOSA EVANGÉLICA PENTECOSTAL: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO FENÔMENO RELIGIOSO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO	43
1 Conceito de paisagem religiosa no âmbito pentecostal	43
2 "Vês estas construções?" (Mc 13,2): a perspectiva do sagrado e um modo geográfico de olhar o templo evangélico	45
3 Compondo a paisagem: o templo como forma espacial simbólica no sistema territorial religioso das igrejas evangélicas.....	48
4 Breve descrição de uma paisagem religiosa evangélica no bairro Zumbi dos Palmares em Manaus - AM: mutações na experiência do sagrado?	54
5 A fluidez e não fixidez: redes pastorais e a reterritorialização	56
III OS PROCESSOS SOCIOESPACIAIS E A TERRITORIALIDADE RELIGIOSA DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NO BAIRRO ZUMBI DOS PALMARES: UMA ANÁLISE ESTRUTURAL NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA DA RELIGIÃO ...	61
1 O sistema territorial religioso compreendido a partir da espacialidade dos templos e da paisagem religiosa das igrejas evangélicas pentecostais	61
2 Leituras cartográficas das igrejas evangélicas pentecostais com maior número de templos e maior presença no bairro Zumbi do Palmares, em Manaus- AM	67
2.1 A espacialidade da Igreja Assembleia de Deus no Amazonas no bairro Zumbi dos Palmares: análise do contexto dos processos socioespaciais	69

2.2 A espacialidade da Igreja Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas no bairro Zumbi dos Palmares: análise do contexto dos processos socioespaciais	71
2.3 A expansão espacial da igreja e territorialidade religiosa da Igreja Deus é Amor: análise do contexto dos processos socioespaciais	74
2.4 A expansão espacial da igreja e territorialidade religiosa da Igreja Pentecostal Unida do Brasil: análise do contexto das práticas socioespaciais	77
3 Análise territorial das igrejas evangélicas pentecostais, periodizada entre os anos 2019 a 2021, na perspectiva de uma racionalidade política	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

A territorialidade religiosa na perspectiva geográfica é o tema deste trabalho. Nesse sentido se busca o entendimento do por que as igrejas evangélicas pentecostais estruturam uma territorialidade religiosa, distribuindo espacialmente seus templos nos bairros de uma metrópole? Com este problema serão levantadas outras questões a serem analisadas, tendo como área de estudo o bairro Zumbi dos Palmares na metrópole Manaus, no recorte temporal feito entre os anos de 2019 a 2021.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a territorialidade religiosa das igrejas evangélicas pentecostais a partir de uma caracterização da organização socioespacial alinhada à estrutura religiosa em sua dinâmica de estratégia de crescimento no interior dos ciclos de reprodução pentecostal. São os objetivos específicos desta pesquisa: caracterizar a organização socioespacial a partir das relações sociais vinculadas à estrutura religiosa no atual contexto do espaço urbano da metrópole Manaus; entender o fenômeno religioso na sua dimensão simbólica no espaço geográfico enquanto produção e reprodução da prática socioespacial; relacionar os processos socioespaciais no bairro Zumbi dos Palmares com a territorialidade religiosa das igrejas cristãs evangélicas pentecostais expressa na distribuição espacial dos templos. A estrutura religiosa da territorialidade evangélica torna-se visível na paisagem e, de modo especial, é identificada visualmente nos templos religiosos das igrejas pentecostais. É a partir deles que será desenvolvida a investigação do sistema territorial religioso ou, em outras palavras, será feita uma análise da territorialidade religiosa, caracterizando a organização socioespacial por um estudo da espacialidade dos templos.

Eles estão em toda parte no espaço urbano da metrópole. Os pentecostais e neopentecostais nas suas variadas denominações evangélicas seguem o ritmo da vida metropolitana, visibilizados, sobretudo, nos espaços periféricos (enquanto caracterizados por índices socioeconômicos) indo aos edifícios sagrados e atuando nas atividades comerciais e políticas, na educação e nos meios de comunicação social. Tais atividades são na maioria das vezes desenvolvidas de forma espacialmente coesa, fazendo com que a análise da presente pesquisa busque dialogar com CORREA sobre os processos espaciais e suas formas e, aqui de um

modo especial, sobre o processo de coesão e as áreas especializadas (1989, p. 56), levando em conta a localização de templos evangélicos em áreas de maior concentração comercial e de considerada circulação de automóveis e pessoas, o que dá visibilidade às igrejas (OLIVEIRA, 2012). Com o crescimento das igrejas evangélicas no segmento religioso pentecostal, atuando no que MASSEY chama de “construção de espaços e lugares” (2012, p. 248), é cada vez mais comum observar que existem muitos templos evangélicos e que através deles uma diversidade religiosa vai compondo uma paisagem pentecostal. O pentecostalismo urbano vai delimitando a cada momento novas áreas geográficas numa “territorialidade informal e fugaz” (MACHADO, 1997 p. 48). Esta difusão pentecostal resulta de uma estrutura organizacional a ser compreendida, na presente pesquisa, a partir da distribuição espacial das igrejas. Em outras palavras, trata-se do desafio de compreender a territorialidade pentecostal, olhando as formas simbólicas (os templos) na sua espacialidade, de diferentes perspectivas e a partir da mobilidade e da diversidade da dinâmica religiosa.

Para entender o fenômeno religioso na sua dimensão simbólica no espaço geográfico, enquanto produção e reprodução da prática socioespacial, será feito no segundo capítulo um estudo da composição da paisagem evangélica pentecostal, levando em conta que pela imagem material e estrutural dos templos pentecostais, que são construções humanas ligadas a instituições religiosas, torna-se observável uma imagem cultural que se revela no cotidiano em tais estruturas religiosas. É por essa relação entre as marcas na paisagem e as representações que será possível entender a estratégia de expansão e a realização de uma apropriação espacial (territorialidade religiosa pentecostal) possivelmente vinculada a uma racionalidade política. Desse modo, levanta-se a seguinte questão: é possível que práticas socioespaciais, realizadoras de apropriações espaciais, no bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus, sejam reproduções oriundas das matrizes ideológicas de poder religioso?

Diante de tal pergunta norteadora, o primeiro passo a ser dado será partir de uma abordagem conceitual de paisagem religiosa pentecostal como introdução à análise da territorialidade religiosa, começando a pesquisa pela paisagem que permite observar a distribuição espacial dos templos das igrejas pentecostais. Em seguida, importa discutir sobre a dinâmica de implementação das malhas

institucionais das igrejas pentecostais em estreita atuação com o processo de produção do espaço urbano. Caberá aqui, nesse seguindo passo, interrogar sobre a localização e funcionalidade de um templo religioso evangélico do ramo pentecostal, levando em conta a aproximação de poder institucional com o sagrado, podendo essa relação se materializar, por meio de representações, nas instalações e ser observada na estrutura organizacional da igreja.

A paisagem religiosa pentecostal é um indicativo de que esteja ocorrendo controle de espaço através de estratégias de crescimento e, ao mesmo tempo, há indícios de que um poder está sendo consolidado. A territorialidade religiosa, tematizada na distribuição espacial dos templos pentecostais no bairro Zumbi dos Palmares em Manaus, numa temporalidade situada entre os anos de 2019 a 2021, vai tendo seus contornos ou alcances alterados, conforme a necessidade de corresponder à afirmação de poder e ao grau de complexidade do próprio dinamismo espacial ou institucional. Fixada na paisagem e instalada como referência capaz de atrair adeptos, a dinâmica espacial expressa na territorialidade pentecostal envolve também uma fluidez por uma mobilidade que interage socialmente. Esse fenômeno será melhor entendido ao relacionar os processos socioespaciais no bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus, com a territorialidade religiosa das igrejas cristãs evangélicas pentecostais, expressa na distribuição espacial dos templos.

I ESTRUTURA RELIGIOSA DA TERRITORIALIDADE EVANGÉLICA: CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ATUAL CONTEXTO DO ESPAÇO URBANO DA METRÓPOLE MANAUS

1 A perspectiva territorial na geografia da religião: uma abordagem estruturalista e pós-estruturalista de conceitos e temas

Nas estruturas está o poder e este está também “na capacidade delas de determinar identidades e atos, valores e normas” (WILLIAMS, 2013, p.159). Contudo, no método estruturalista, ao se basear numa premissa como essa, existe o risco hermenêutico de se restringir a uma compreensão determinista da estrutura enquanto “conjunto de regras e recursos recursivamente organizados” e, portanto, “marcada por uma ausência do sujeito” (GIDDENS, 2019, p. 29). Interroga-se na presente pesquisa se e por que as relações estruturais, aqui entendidas como relações de poder vinculadas a uma política espacial do sagrado e dispostas numa “tessitura territorial”, também entendida como uma “estrutura tecido-nós-redes” (RAFFESTIN, 1993, p. 151), realizam-se em práticas socioespaciais a serem materializadas e espacializadas em formas simbólicas (templos religiosos pentecostais). O poder, que está nas estruturas, tende a subsistir pela mediação de representações, nas palavras de RAFFESTIN:

Toda prática espacial, mesmo que embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamentos se traduz por uma produção territorial que faz intervir tessitura, nó e rede. É interessante destacar a esse respeito que nenhuma sociedade, por mais elementar que seja, escapa à necessidade de organizar o campo operatório de sua ação (1993, p. 150).

A representação em questão, no âmbito da territorialidade, configurada como plataforma a partir da qual são projetadas ações, situa-se também e sobretudo dentro da vivência dos atores e das suas relações socioespaciais, razão pela qual o próprio termo territorialidade adquire sentido geográfico quando nele são destacadas as práticas sociais ordenadas no tempo e no espaço (GIDDENS, 2009, p. 18). As práticas sociais densas de espacialidade (SOUZA, 2010), sob análise na presente pesquisa, esclarecem sobre o porquê do poder estar nas estruturas e a constituição dessas mesmas estruturas (ou sistema territorial religioso de viés pentecostal)

tecidas pelas linhas simbólicas da representação e da percepção de um “comum-pertencer” (acontecimento-apropriação, HEIDEGGER, 2018) ou relação de mútuo pertencimento. Em resumo, perfaz-se, desse modo, na concepção de territorialidade religiosa pentecostal, uma estruturação ou conjunção de sociedade-espaco-tempo - que são as “condições governando a continuidade ou transmutação de estruturas e, portanto, de sistemas sociais” (GIDDENS, 2009, p. 29) -, movida por uma racionalidade política do sagrado (poder) e expressa materialmente através da espacialidade das igrejas e dos templos pentecostais.

Ao desenvolver um breve comentário sobre a perspectiva territorial na geografia da religião e para situar conceitualmente a temática da territorialidade é importante referenciar SAQUET enquanto afirma que:

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola, etc., resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (2013, p.129)

Ao retomar a perspectiva de Raffestin, de que “a territorialidade reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral (1993, p. 158), uma outra tríade estrutural, diferente da “tessitura territorial” é então descrita por Saquet, a saber, “território-rede-lugar” (2013, p. 129), sendo reconhecida pelo mesmo geógrafo como a construção de uma “abordagem relacional, processual e (i)material”, ao mesmo tempo em que “reconhece a unidade dos tempos históricos e coexistente, as descontinuidades e aspectos da relação sociedade-natureza (SAQUET, 2013, p. 131).

Os pensadores da corrente pós-estruturalista apresentam uma crítica ao estruturalismo e ao positivismo, propondo vários caminhos a serem seguidos, sendo um dos seus aspectos o “poder de resistir e trabalhar contra verdades e oposições estabelecidas” (WILLIAMS, 2013, p. 15). Ainda nas palavras de Williams, “os pós-estruturalistas não são anticiência ou antitecnologia, ocorre que eles vêem dimensões importantes que não podem ser contempladas de dentro da ciência” (2013, p. 35), de modo que a ciência não se justifica a si própria e nem deve predominar sobre outros tipos de conhecimento e tornando-se como um árbitro de valores ou isenta de valores (WILLIAMS, 2013).

Numa iniciativa de observar o fenômeno religioso no espaço geográfico apoiada em diferentes autores, contribuindo para o estudo geográfico da religião no Brasil, a presente pesquisa pretende somar-se a tais contribuições que têm buscado suas raízes epistemológicas no substrato material da espacialização do sagrado (sítios ou eventos pretéritos). Esta pesquisa inicialmente traz a lume o desafio de reunir e articular conceitos e temas referentes à perspectiva territorial em geografia da religião. Trata-se, portanto, de compor uma base teórica que possibilite sustentar a análise da territorialidade religiosa evangélica pentecostal e permitir, enquanto chave teórica, o acesso à compreensão do funcionamento e da estruturação do sistema territorial religioso das igrejas evangélicas pentecostais no espaço geográfico. Em princípio foi escolhida uma abordagem a partir das estruturas ideológica, política e jurídica, vinculada ao pós-estruturalismo, como eixo articulador da discussão teórica e que leva a auscultar tais raízes, mas também, por conta da interdisciplinaridade que o pensamento pós-estruturalista e a teoria estruturacionista proporcionam, poder dialogar com outras correntes do pensamento geográfico em suas respectivas bases epistemológicas.

Este estudo geográfico da religião, buscará num primeiro momento, dialogar com a História da Religião e a hermenêutica, tematizando questões pré-conceituais (com perfil ontológico), para depois entender que, por dentro de deslocamentos e alterações conceituais, através de contextos ou limites, existem "discursos" (no dizer de FOUCAULT, 2017) como uma unidade estruturante de "práticas que obedecem a regras" (interna e instável) e que correlaciona acontecimentos no espaço social e na prática religiosa geradores ou indutores de processos socioespaciais. Desse enfoque filosófico, depreende-se na presente análise, no tópico a seguir, uma reflexão mais centrada no pensamento geográfico no Brasil e seus movimentos teórico-metodológicos.

1.1 Reflexão epistemológica e questão metodológica: o horizonte estruturalista e pós-estruturalista na geografia cultural

No início dessa reflexão convém destacar que ao longo da evolução da ciência geográfica foram desenvolvidas diversas pesquisas tematizando a relação entre paisagem natural e paisagem cultural, sendo que alguns desses estudos remontam aos geógrafos clássicos. A combinação de unidades sociológicas com as

interações ecológicas, sob a análise da ciência geográfica com sua ênfase nos estudos das relações do espaço, motivou pesquisadores como Friedrich Ratzel (1844-1904) a expor a sua visão particularista da cultura, no chamado "difusionismo historicista", pois nas palavras de HOEFLE:

Em sua visão particularista da cultura, Ratzel alega que a civilização europeia era determinada por uma massa de acidentes, chegando a dominar o mundo recentemente por acaso, e não pela superioridade racial ou capacidade biológica (pp. 19-20). Mostra que a Europa faz parte de um cinturão de civilizações históricas, ocupando zonas temperadas que atravessa a Eurásia, do Atlântico ao Pacífico, no qual historicamente o adensamento populacional propiciou intercâmbio, troca e transposição cultural, gerando inovações que depois foram difundidas para o resto do mundo. Ou seja, o mecanismo é por difusão, que permite que uma inovação se difunda no espaço sem a necessidade de sempre ser reinventada independentemente (pp. 28-9). (2012, p. 24).

Ratzel descrevia, assim, as culturas, dialogando criticamente com os evolucionistas, que foram influenciados pela teoria da seleção natural de Charles Darwin e levavam em conta uma abordagem dicotômica da cultura com características de atraso e progresso; sendo que também havia uma discussão com os funcionalistas (determinismo social) que, por sua vez, defendiam o seu modelo orgânico de sociedade. Num contexto mais amplo, era então um embate epistemológico que acontecia no final do século XIX e início do século XX envolvendo o pensamento fenomenológico, em princípio de tradição alemã (modelo cultural particularista) e os paradigmas empirista (modelo cultural funcionalista) e racionalista (modelo cultural determinista). Tais bases teóricas, incluindo também aqui o neomarxismo, como também as classificações culturais, eram tecidas dentro do contexto capitalista e tendo por referência cultural, por vezes etnocêntrica, o modelo da sociedade industrial vinculado a um conceito de modernidade de viés imperialista. Paul Claval descreve nesse processo a imposição do político sobre o cultural (CLAVAL, 2007, p. 23). Tal imposição vai perdendo força quando é considerada a contribuição de Paul Vidal de La Blache (1845-1918) no âmbito do conceito de paisagem cultural, quando ele e seus discípulos, num esforço de separar a geografia da política, afirmavam que "os seres humanos tinham de adaptar-se às condições ambientais" (CLAVAL, 2011, p. 149), desse modo enfatizando as possibilidades ambientais (o Possibilismo) vinculadas, sobretudo, aos "gêneros de vida" (com seus hábitos e técnicas), o que permite uma percepção da

existência, ainda que de forma indireta, de uma concepção lablachiana de cultura na ciência geográfica.

Presente no pensamento geográfico de Ratzel, a difusão como mecanismo principal de mudança apareceria mais tarde no chamado difusionismo cultural. Assim, a cultura, para o difusionismo, "era um mosaico de traços advindos de outras culturas precursoras com várias origens e histórias" (PACHECO; FONSECA, 2009).

O presente estudo do espaço através do sagrado, que se materializa e religiosamente se territorializa nas igrejas evangélicas, também recorda a influência de Carl Sauer na abordagem da difusão espacial, sendo que:

A paisagem cultural é a área geográfica em seu último significado (chore). Suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem. Com base nessa definição, em geografia não nos preocupamos com a energia, costumes ou crenças do homem, mas com as marcas do homem na paisagem. Formas de população são os fenômenos de massa ou densidade em geral e de deslocamento constante como a migração sazonal (1998, p. 57).

Assim, a forma de ocupação do espaço, especificamente no que se refere à expressão material de um sistema que se articula em estruturas de nuances socioespaciais visibilizado na paisagem, caracteriza-se pela dinâmica cultural ao modo de difusão espacial. Esta envolve determinados agentes e relações diversas e compreende, em tal processo, a atuação de centros institucionalizados que promovem a mobilidade ou o espraiamento de ideias e inovações no tempo e no espaço (CORRÊA, 2018, p. 31).

Considerando que "Sauer substitui o determinismo ambiental pelo determinismo cultural" (CORREA, 2014, p. 39), compreende-se porque a escola de Berkeley, liderada por Carl Sauer e que representa a geografia cultural norte-americana, receberá críticas da nova geografia cultural, representada por Denis Cosgrove. Tais críticas se apoiam nas conclusões de Cosgrove de que "a paisagem não é apenas morfologia, mas insere-se também no mundo dos significados, estando impregnada de simbolismo" (CORREA, 2014, p. 41). Milton Santos, ao abordar o tema da difusão de inovações, retoma trabalho de um geógrafo sueco, Torsten Hagerstrand, afirmando que:

Hagerstrand interessou-se, então, pelas formas sob as quais as inovações surgem, pelas modalidades e instrumentos de sua difusão e pelo comportamento de grupos afetados por inovações específicas. Seu interesse pela difusão de inovações, isto é, pelas redes de comunicação, tornou possível transferir para termos geográfico-espaciais as conclusões de trabalhos paralelos de outras especialidades (SANTOS, 2003, p. 45).

A geografia radical, com seu método histórico e dialético, atenta às contradições epistemológicas resultantes de processos culturais e globais (uma realidade relacional e em mudança na qual ela mesma se insere), reagiu aos estudos sobre difusão espacial de Hagerstrand. Dentro da mesma abordagem citada, Milton Santos passa a apresentar sua crítica descrevendo a análise da difusão espacial de Hagerstrand como sendo uma "desconexão com o contexto social, ao deter-se em modelos abstratos" e "condenou a realidade sendo deformada em modelos matemáticos" (JESUS, 2000). Tal reação parece ter limitado um debate teórico mais amplo sobre a difusão espacial.

Torsten Hagerstrand contribui, a partir do seu trabalho, para, de algum modo e ainda bastante limitado, responder as críticas ao estruturalismo em seu viés estruturacionista e que também eram dirigidas à nova geografia nos anos 1960, a saber, "esquecimento das realidades concretas, desprezo pelos indivíduos e pelas suas reações, substituição da análise das situações concretas pelo estudo dos mecanismos abstratos" (CLAVAL, 2014, p. 294). É também Paul Claval quem destaca essa geografia do tempo de Hagerstrand dos anos 1970:

A sua ideia é adotar, em geografia humana, uma ótica longitudinal: em vez de se satisfazer em se ater às pessoas a um momento dado, estas são acompanhadas através do tempo. A disciplina questiona-se sobre as trajetórias que descrevem no espaço tridimensional - aquelas do plano, e as do tempo - que resume essa abordagem. No volume assim constituído, as trajetórias são verticais quando as pessoas não se movem. Desenham linhas oblíquas quando se deslocam (...). A relação social tece-se através da meada das trajetórias e dos lugares onde os itinerários se cruzam ou se confundem por tempo mais ou menos longos (CLAVAL, 2014, p. 295).

A perspectiva geométrica das ondas de difusão - mais que a construção de um modelo matemático que "coincide com o comum interesse de universidades e da economia americana" (SANTOS, 2003, p. 46) - é desenhada a partir da relação social, não se fechando numa abstração matemática ou quantitativa e em estruturas impessoais. Posteriormente, no presente estudo, se verificará que atores podem se reconhecer como agentes e assim passar a atuar ou agir intencionalmente, alterando o curso de acontecimentos, de tal modo que conteúdos e significados são dados às estruturas e estas atuam como mediação para a expressão das liberdades (CARDONE, 2017, p. 4 e 6); como também vão permitindo, a partir dessa geografia do tempo, alguns avanços, especialmente com o sociólogo e filósofo social inglês Anthony GIDDENS (1938). Claval dá a entender que nos debates epistemológicos

sempre algo vai sendo acrescentado, um tipo de componente ou novidade que permite horizontes programáticos de estudos relativos ao aperfeiçoamento, como também mais acertadas recepções e aplicações conceituais à realidade (CLAVAL, 2014, p. 295 e 296s). Nesse sentido, Giddens com sua Teoria das Estruturas fala de interações que geram significações e, por estas, as propriedades estruturais:

A constituição de agentes e estruturas não são dois conjuntos de fenômenos dados independentemente - um dualismo -, mas representam uma dualidade. De acordo com a noção de dualidade da estrutura, as propriedades estruturais de sistemas sociais são, ao mesmo tempo, meio e fim das práticas que elas recursivamente organizam. A estrutura não é "externa" aos indivíduos: enquanto traços mnêmicos e exemplificada em práticas sociais, é, num certo sentido, mais "interna" do que externa às suas atividades, num sentido durkheimiano. Estrutura não deve ser equiparada a restrição, a coerção, mas é sempre, simultaneamente, restritiva e facilitadora (GIDDENS, 2003, p. 30).

Para Giddens, estrutura não é uma padronização das relações sociais ou dos fenômenos sociais, conforme entendiam os autores funcionalistas e os seus críticos. Um quadro comparativo apresentado pelo filósofo social e com uma pequena adaptação didática, com palavras do próprio autor, será esclarecedor:

Gráfico 1: Síntese da dualidade da estrutura

A DUALIDADE DA ESTRUTURA		
Estrutura(s)	Sistema(s)	Estruturação
<p>Regras e recursos, ou conjuntos de relações de transformação, organizados como propriedades de sistemas sociais.</p> <p>↓</p> <p>- Fora do tempo e do espaço, exceto em suas exemplificações e coordenação com traços mnêmicos, e é marcada por uma "ausência do sujeito".</p>	<p>Relações reproduzidas entre atores ou coletividades, organizadas como práticas sociais regulares.</p> <p>↓</p> <p>- Compreendem as atividades localizadas de agentes humanos, reproduzidas através do tempo e do espaço.</p>	<p>Condições governando a continuidade ou transmutação de estruturas e, portanto, a reprodução de sistemas sociais.</p> <p>↓</p> <p>- Analisar a estruturação de sistemas sociais significa estudar os modos como tais sistemas, fundamentados nas atividades cognitivas de atores localizados que se apoiam em regras e recursos na diversidade de contextos de ação, são produzidos e reproduzidos em interação.</p>

O tom moderado de Giddens vai reconduzindo a reflexão epistemológica que contempla o horizonte estruturalista na geografia cultural para os temas da paisagem natural e paisagem cultural, a partir de agora entendidos como dois modelos estruturantes do território relacional: o material e o simbólico.

O Geógrafo Paul Claval, ao falar sobre o "entusiasmo pela noção de estrutura", afirma que Claude Raffestin (1980), "muito marcado pela linguística italiana, propõe ler as relações de poder como uma combinatória que é possível compreender se se souber decompô-la" (CLAVAL, 2014, p. 288). Nesse sentido, seria um aporte hermenêutico utilizado quer para pensar os processos, quer para pensar a organização do espaço e os fenômenos socioespaciais.

A relação entre os elementos estruturantes das práticas culturais e socioespaciais no território, este por enquanto aqui entendido como resultante de articulações que envolvem o material e o simbólico (SOUZA, 1981), levou Rogério Haesbaert a qualificá-lo como um território relacional, tecido de poder e de laços de identidade. Nessa perspectiva:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de "controle simbólico" sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. Historicamente, podemos encontrar desde os territórios mais tradicionais, numa relação quase biunívoca entre identidade cultural e controle sobre o seu espaço, de fronteiras geralmente bem definidas, até os territórios-rede modernos, muitas vezes com uma coesão/identidade cultural muito débil, simples patamar administrativo dentro de uma ampla hierarquia econômica mundialmente integrada (HAESBAERT, 1997, p. 41-42).

O geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert, retomando a discussão conceitual sobre o território, pensada por Claude Raffestin (1993) como "espaço regido por relações de poder", destaca que a essas relações de controle devem ser integradas à questão conceitual de identidade cultural. Os "dispositivos de normalização" (FOUCAULT, 1987, p. 253), de acordo com Foucault, resultam de um tipo de mutação do "aparelho penal", de modo que a estratégia de poder visibilizada no "regime panóptico", materializa-se em processos outros, bem como em "redes disciplinares" e numa "rede múltipla de elementos diversos" tais como "muro, espaço, instituição, regras, discursos" (FOUCAULT, 1987, p. 254). A forma como os laços de identidade e o seu mundo de significados possam ser manejados por tais dispositivos de normalização (na sua função de estratégia de poder) constitui-se, a

partir de agora, como o horizonte estruturalista de base conceitual ou mesmo pós-estruturalista no qual a Geografia Cultural será refletida.

Ao abordar a temática da identidade cultural circunstanciada por dispositivos de normalização, é oportuno destacar que a ciência geográfica, ao refletir sobre a religião e investigar o fenômeno religioso a partir de um ou mais objetos de análise que lhe são próprios, geralmente o faz a partir de uma visão fenomenológica, o que tem sido uma prática comum à "velha" e a nova Geografia Cultural (HOEFLE, 2008, p. 124). Sendo a religião "uma das principais maneiras de construir identidade simbólica" (ROSENDAHL, 2018, p. 212), a perspectiva da geografia da religião quanto à territorialidade religiosa das igrejas evangélicas é também o da percepção e isso implica num novo modo de fazer geografia: "não apenas levantar dados e informações, mas considerar as verdades narradas sobre os lugares a partir de quem o experiencia" (NOGUEIRA, 2020, p.17). Em resumo, a relação do material com o simbólico (identidade cultural), situada na dinâmica da dualidade da estrutura e estruturante do território relacional, como também de um sistema territorial religioso evangélico, requer um feixe teórico-metodológico de interpretações via discussões teóricas porque "caminhos paralelos e entrecruzados possibilitam conexões entre métodos e temas aparentemente distintos entre si" (CORRÊA, 2018, p. 7).

1.2 O substrato material da geografia da religião: aspectos culturais e históricos

Em antropologia filosófica, ao abordar o tema do homem e da religião, considera-se que a dimensão religiosa é encontrada unicamente no ser humano (MONDIN, 1980) e que atividades religiosas são manifestadas desde o surgimento da humanidade na Terra, especialmente na "revolução neolítica ou Idade da Pedra Polida", conforme achados arqueológicos (KI-ZERBO, 2010, p. 611). O substrato material de uma "consciência geográfica" (OLIVEIRA, 2019, p. 18) vinculada à prática religiosa, de onde emergem conceitos e temas, é aqui problematizado como fenômeno coletivo, cristalizado por vivências (também ao nível imaterial) numa realidade vista a partir da sua "estrutura interna" (SANTOS, 1985, p. 71-72) por suas frações funcionais; como também estudados numa perspectiva fenomenológica - podendo, assim também, se tornar configurativa ou estrutural, enquanto experiência religiosa que articula um universo simbólico (CASSIRER, 1994).

Nas religiões arcaicas são encontradas as formas religiosas e seus significados, posteriormente estudados pelo historiador das religiões a partir de uma análise hermenêutica, compreendendo também a natureza do sagrado pela fenomenologia (ELIADE, 1992; OTTO, 2007). Essa manifestação do sagrado, que Eliade chama de Hierofania, quando havia a experiência de um culto à divindades cósmicas ou a um Deus pessoal que se dirige aos seus fiéis, constitui-se de um dinâmico e profundo simbolismo, sendo que:

O sagrado é um elemento da estrutura da consciência e não um momento da história da consciência (...). A experiência do sagrado está indissolivelmente ligada ao esforço do homem para construir um mundo que tenha um significado". (ELIADE, 1973, p. 155).

Essa referência do sagrado como algo intrínseco à mente humana não está aqui sendo discutido sob uma análise da Filosofia da Mente, mas segue uma linha mais existencialista e subjetiva, estruturadas ao modo de acúmulos como também de uma dialética de hierofanias, então codificadas em símbolos. É isso o que está sendo identificado nessa parte da pesquisa como um substrato material ou uma cristalização de aspectos históricos e culturais da sociedade em suas correlações com a natureza, que, ao gerar símbolos e por eles se comunicar, inspira análises de significados (fenomenologia) e de mensagens (hermenêutica), "dá o que pensar" (RICOEUR, 1959), espacializa-se e se projeta no espaço geográfico e com ele. Deste e por este desenvolve-se o território como uma fração espacial regida por relações de poder (RAFFESTIN, 1993) e é partir desse conceito que avançará o presente estudo de uma perspectiva territorial na Geografia da Religião, apoiado na base epistemológica (corrente de pensamento) pós-estruturalista e estruturacionista.

Uma vez afirmado o canteiro da *epistemé* sob a ação do cultivo das inter-relações, há que se destacar o encontro do homem com o sagrado no espaço geográfico inserido no contexto cultural, legitimando o *homo religiosus* e marcando a vida das "sociedades territoriais" (SANTOS, 1979, p. 190) ao criar dinâmicas socioespaciais. O símbolo religioso como expressão do sagrado constitui-se como um indicador de uma racionalidade a ser identificada, analisada e compreendida, nas palavras de Ries, comentando Eliade, onde afirma que:

Por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos, no contexto de sua manifestação hierofânica, o sagrado exerce sua função de mediação. Assim, dá ao homem religioso a possibilidade de entrar em contato com a fonte e a totalidade do sagrado, ou seja, com o sagrado enquanto realidade transcendente, chamada "deuses", nas religiões politeístas e "Deus" no monoteísmo. Esse contato acontece graças à decifração das hierofanias

que o *homo religiosus* realiza. Essa decifração e esse contato têm uma repercussão direta na existência humana. (RIES, 2017).

Perfazendo assim o caminho hermenêutico e fenomenológico entre as realidades concretas e as suas representações (também mentais), no âmbito da história e da ciência das religiões, a Geografia da Religião posiciona-se espacialmente numa observação da horizontalidade e profundidade da paisagem (LACOSTE, 1990) e na totalidade da configuração territorial. De acordo com a análise de Paul Claval, houve com as investigações sociológicas, articuladas com as abordagens fenomenológicas e hermenêuticas sobre o sagrado, um aperfeiçoamento nas leituras e interpretações da dimensão religiosa dos grupos humanos, redirecionando a tarefa dos geógrafos, pois:

Outrora, a estratégia dos geógrafos confrontados com realidades religiosas era periférica: evitava-se abordar as representações que parecessem não pertencer ao domínio dos geógrafos. Exploravam-se os signos através dos quais elas se traduziam no mundo material. As abordagens atuais são diferentes: elas abarcam, num mesmo movimento, o universo mental dos grupos que analisam e as bases e manifestações materiais de suas atividades (CLAVAL, 1999).

Tal redirecionamento segue também o ritmo da própria história, com as transformações sociais ocorridas no contexto do Iluminismo (ruptura da fé e da razão) e da Reforma Protestante dentro do Cristianismo, quando bases da Teologia Dogmática e da Revelação são questionadas e a reflexão metafísica recebe alterações. São, em resumo, dimensões e eventos que sugerem, pela imbricação apresentada por entre as condições históricas dos sujeitos coletivos, um reordenamento epistemológico no substrato material da Geografia da Religião.

1.3 A perspectiva territorial em geografia da religião: por dentro de fronteiras e através de processos socioespaciais

A atividade intelectual de um geógrafo começou, segundo Claval (2014), com a observação e coleta de dados, alinhando os saberes-fazeres de uma sociedade ao ambiente. Em termos de uma formação discursiva e epistemológica da geografia que busca interagir com a modernidade, esse autor assim se expressa:

A geografia moderna não se assemelha a imagem envelhecida que o grande público ainda mantém. Seu objetivo não é enumerar os lugares e situá-los em um mapa – já faz muito tempo que essas questões não se configuram mais como problemas. Sua ambição é compreender o mundo tal qual os homens vivem: ela fala da sensibilidade de uns e de outros, das

paisagens que eles modelaram, dos patrimônios aos quais estão vinculados, dos enraizamentos sentidos; ela descreve ao mesmo tempo a mobilidade crescente dos indivíduos, a confrontação das culturas, as reações de retorno que ela provoca, regionalismo, nacionalismos ou fundamentalismos, mas destaca também a exploração do multiculturalismo e a fecundidade dos contatos renovados (CLAVAL, 2014, p. 376).

Não assumindo aqui a discussão de que o processo da modernidade seja uma “gestão racional” (DUSSEL, 2000) da centralidade europeia, necessário é, todavia, entender que tipo de modernidade se está abordando, porque situá-la simplesmente no horizonte da história, sem uma análise crítica de cunho dialético e hermenêutico, corre-se o risco, nas palavras de Mignolo, de se conformar a um “conhecimento ancorado em projetos com uma orientação histórica, econômica e política” e/ou numa “colonialidade do conhecimento” (2017). Isso exposto torna-se fundamental pontuar que:

Um dos objetivos da opção decolonial é a de nos naturalizarmos em vez de modernizar-nos. Quando a sensibilidade/pensamento fronteiriça surgiu, entrou em vigor a opção decolonial; e ao aparecer como opção, revelou que a modernidade (a modernidade periférica, subalterna ou alternativa, ou simplesmente a modernidade) é tão só outra opção e não o desenvolvimento “natural” do tempo. A modernidade e a pós-modernidade são opções, não momentos ontológicos da história universal, assim como são opções as modernidades subalternas, alternativas ou periféricas. Todas elas são opções que negam e tentam impedir o desenvolvimento do pensamento fronteiriço e da opção decolonial (MIGNOLO, 2017).

A questão epistemológica da ciência geográfica emerge, portanto, dos desafios e transformações suscitados pela dinâmica dos processos socioespaciais, como ocorrera em tempos pretéritos da geografia tradicional de Humboldt e Ritter (pais da Geografia), Ratzel e Vidal de La Blache – com sua carga naturalista, com viés positivista, mas já com suas limitações inspiradoras que permitiram o desenvolvimento de uma geografia humana (MORAES, 2005). Soma-se a isso as contribuições de diferentes correntes de pensamento.

Aqui não se trata de considerar determinismos ou condicionamentos históricos em um movimento dialético da realidade, nem de uma síntese ao nível sistêmico hierarquizante, ao ponto de se constituir como um simulacro de unidade epistemológica. Também não há uma leitura ontológica de uma razão que atuaria sustentando a existência das coisas. É aqui que Foucault (1999) vai distinguir, por meio de uma crítica sistemática, o discurso sobre a sociedade daquilo que sejam efetivamente as ciências (MENDONÇA, KOZEL, 2002). Assinala, assim, a mudança da *epistemê* conforme a nuance histórica de pensamentos paradigmáticos pós-

coloniais, diante dos desafios da pesquisa científica, contextualizados nos problemas oriundos da globalização e nas “consequências do progresso técnico” (CLAVAL, 2009). Ainda segundo Paul Claval, “o que a evolução do pensamento geográfico propõe (...) é a constituição de uma série de pontos de vista diferentes, mas que não se excluem totalmente” (2009). E, destacando a relevância da perspectiva cultural da geografia, ao modo de síntese, conclui:

O que as epistemologias naturalistas e funcionalistas não esclarecem, mesmo na sua versão modernizada, é o aumento dos sentimentos de identidade, dos fundamentalismos, o progresso das seitas ou a nova preocupação com a preservação do patrimônio que podemos observar no mundo atual. Os novos caminhos tomados pela reflexão epistemológica fornecem ferramentas para tratar desses problemas (CLAVAL, 2009).

A dimensão geográfica da religião inclui-se, assim, na reflexão epistemológica atual da geografia, quer pelas mudanças sociais via “causalidade estrutural” (ALTHUSSER, citado por MORFINO, 2014) que promovem uma pluralidade sócio-cultural, quer pela dimensão espacial do sagrado mesclando fronteiras e alimentando práticas socioespaciais. O sociólogo Giddens, citando Roy Wallis, destaca que os novos movimentos religiosos poderiam ser entendidos em três categorias amplas, a saber, “movimentos de afirmação do mundo, de rejeição do mundo e de acomodação ao mundo” (GIDDENS, 2008, p. 557), sendo o pentecostalismo um dos exemplos de movimento religioso de acomodação ao mundo. Para Giddens “os membros destes grupos reclamam a pureza espiritual que acreditam ter sido perdida nos contextos religiosos tradicionais” (2008, p. 558). Por estarem organizados em amplas categorias, é possível identificar, a partir de dados atuais aqui apresentados, que o pentecostalismo está diluído nas três categorias. De acordo com Rosendahl (2005), é pela pluralidade sociocultural, na sua tentativa de se ajeitar ao espacializar-se, – o que se observa no âmbito institucional da prática religiosa (vivência do sagrado) via estratégia de controle – que é construída uma territorialidade religiosa. Para Rosendahl, a perspectiva territorial resulta das relações de poder da religião estruturada em uma instituição religiosa, pois:

Territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútua. A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem o território. De fato, é pelo território que se encarna a relação simbólica que existe entre cultura e espaço (ROSENDAHL, 2005).

Com isso, vai se configurando a perspectiva territorial no âmbito dos estudos de Geografia da Religião: a experiência do sagrado materializa-se na prática religiosa e esta, enquanto atividade humana coletiva que se projeta no sagrado, institucionaliza-se religiosamente, tornando-se também, nesse contexto e somente em alguns casos, um agente modelador do espaço urbano (como proprietário fundiário e promotor imobiliário, especialmente a Igreja Católica ou Igrejas da Reforma e, segundo Rosendahl, 2008, aqui podem ser identificados os peregrinos e suas romarias).

1.3.1 A geografia da religião no Brasil

Antes de situar o pensamento geográfico quanto aos estudos em Geografia da Religião no Brasil, importa pontuar alguns aspectos do pensamento decolonial, também chamado “epistemologias do sul” como uma reflexão na qual se inserem, direta ou indiretamente, pesquisas e estudos desenvolvidos no Brasil. Mignolo (2007) fala de um colonialismo do conhecimento (que apropria-se do significado) e de um colonialismo do poder (que apropria-se da autoridade), destacando que são relações de poder invisíveis escondidas em palavras ou conceitos, e continua:

En el mismo proceso, la colonialidad del ser moldeó la subjetividad de los pueblos. Como los continentes y los subcontinentes, los pueblos también fueron incluidos en los conceptos europeos más generales como el de “Ser Humano” que nació de la evidencia empírica y la experiencia de los hombres blancos y europeos. A partir de esa definición, la universalidad del Humano se defiende como un modelo que supera todas las diferencias (de sexo, género, raza, nacionalidad o lengua, entre otras). La obliteración racial de las diferencias tiene su raíces en las ideas de “Índias Occidentales” y “America”: en las clasificaciones cristianas del planeta por continentes e pueblos que los habitaban, la cuarta parte del mundo fue ubicada en la posición más baja de la escala de los seres humanos, cerca de África. (MIGNOLO, 2007, p.172)

A questão conceitual abordada pelo autor insere-se num paradigma eurocêntrico que encobre a identidade latino-americana, reduzindo a realidade a uma periferia daquela configuração imperialista (resultado de vários estágios de um sistema inter-regional continental) que um pensador argentino, radicado no México, chamou de “sistema-mundo” (DUSSEL, 2000). A força do etnocentrismo deixou suas marcas ontológicas também na prática religiosa, imprimindo um “ser periférico” nos povos dominados política e ideologicamente, sendo que a “filosofia hegemônica foi fruto do pensamento do mundo como dominação” (DUSSEL, 2000). Para que haja

uma teoria do conhecimento que tenha base sólida, é necessário que haja a libertação da filosofia da pressão dos sistemas hegemônicos:

Passou despercebido aos filósofos que o problema da “universalidade” deve ter-se apresentado para a modernidade de uma maneira nunca antes abordada. O “eurocentrismo” consiste exatamente em constituir como universalidade abstrata humana em geral aqueles momentos da particularidade europeia, a primeira particularidade de fato mundial (quer dizer, a primeira universalidade humana concreta). A cultura, a civilização, a filosofia, a subjetividade, etc. sem mais (humano-uiversal abstrata). Grande parte dos ganhos da humanidade não foram criatividade exclusiva do europeu, mas de uma contínua dialética de impacto e contra-impacto, efeito e contra-efeito, da Europa-centro e sua periferia, até no que poderíamos chamar de a própria constituição da subjetividade moderna enquanto tal (DUSSEL, 2000, p. 69).

Tal autonomia do pensamento latino-americano em relação a matrizes ideológicas coloniais de poder ou referenciais teóricos europeus, que soam como “rupturas epistêmicas” e como “mudanças paradigmáticas” (MIGNOLO, 2014, em livro organizado por BORSANI e QUINTERO), constitui-se como um contributo para tematizar a questão cultural e religiosa na ciência geográfica nos países da América Latina, inclusive no Brasil.

Por uma perspectiva histórica que contemple a *epistême* indo muito além de uma geografia religiosa ou eclesiástica (bíblica), com influência de escolas estadunidenses e europeias, mas também trazendo a Geografia da Religião para uma experiência de conhecimento decolonial, geógrafos brasileiros têm feito um esforço no sentido de iniciar um caminho epistemológico pela pesquisa na ciência geográfica, a partir da organização de núcleos de estudos e pesquisas. Impulsionados pela “virada cultural” e pela “virada linguista”, contextualizada na Nova Geografia Cultural no Brasil, destacam-se dois principais centros institucionais e têm como representantes a professora Zeny Rosendahl (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura – NEPEC -, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e professor Sylvio Fausto Gil Filho (Núcleo de estudos em Espaço e Representações – NEER/Curitiba – e o Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião – NUPEER/Curitiba – ambos com sede na Universidade Federal do Paraná).

Rosendahl tematiza nos seus estudos as “estruturas espaciais da religião”, (PEREIRA, 2013), articulando temas como territorialidade religiosa (território e

religião) e buscando aprofundar “uma compreensão da manifestação espacial do sagrado” (PEREIRA, 2013, citando FRANGELLI, 2010, p. 34):

A multidão que converge até hoje ao santuário do Padre Cícero no Nordeste vivencia de maneira extraordinária o espaço sagrado e o espaço profano do centro religioso. É possível conhecer as formas espaciais que são produzidas pelos agentes modeladores envolvidos: os romeiros e os barraqueiros na categoria de agentes não-religiosos especializados e os padres e freiras como agentes religiosos especializados (ROSENDAHL, 2008).

Os espaços sagrados e de peregrinação, caracterizados pelo seu símbolo religioso, são designados por Rosendahl como “locais de hierópolis ou cidades-santuários” (2008). Ela se debruça em descrever a dinâmica do sagrado e do profano, tematizando, sobretudo o catolicismo popular brasileiro e sua organização espacial mais hierarquizada, auxiliada por componentes ou documentos globais da história das religiões e da Igreja Católica.

O professor Sylvio Fausto Gil Filho tem nas suas pesquisas analisado e discutido os aspectos subjetivos do fenômeno religião. Sua perspectiva teórica da geografia da religião movimenta-se a partir de uma base fenomenológica das manifestações religiosas, tratando de representações e percepções e termos subjetivos. Gil Filho destaca que as reflexões da geografia da Religião não podem se limitar às formas materiais da cultura religiosa, mas também buscar uma compreensão nas “estruturas estruturantes do fenômeno” (GIL FILHO, 2007):

A nossa intenção de resgatar a reflexão da “Poética do espaço” é ligá-la ao qualitativo sagrado que impregna de significados as imagens do sagrado. Projeta uma ordem simbólica do mundo e possibilita o contraponto entre angústia e serenidade do interior e entre a opressão e a liberdade do exterior. A dinâmica do espaço sagrado reitera a transcendência própria da experiência religiosa cotidiana, assim como sua própria referência (GIL FILHO, 2009).

O espaço, na sua dimensão relacional, de acordo com o autor, não se limita a uma rigidez conceitual, mas nele permite a construção de imagens que recebem da pessoa humana representações e significados da sua existência. O fenômeno religioso sai de uma relação puramente locacional da geografia religiosa ou de um imediatismo espacial com as implicações do seu sistema simbólico estrutural para emergir numa condição de fenômeno estruturante dos sujeitos que vivem a experiência do sagrado.

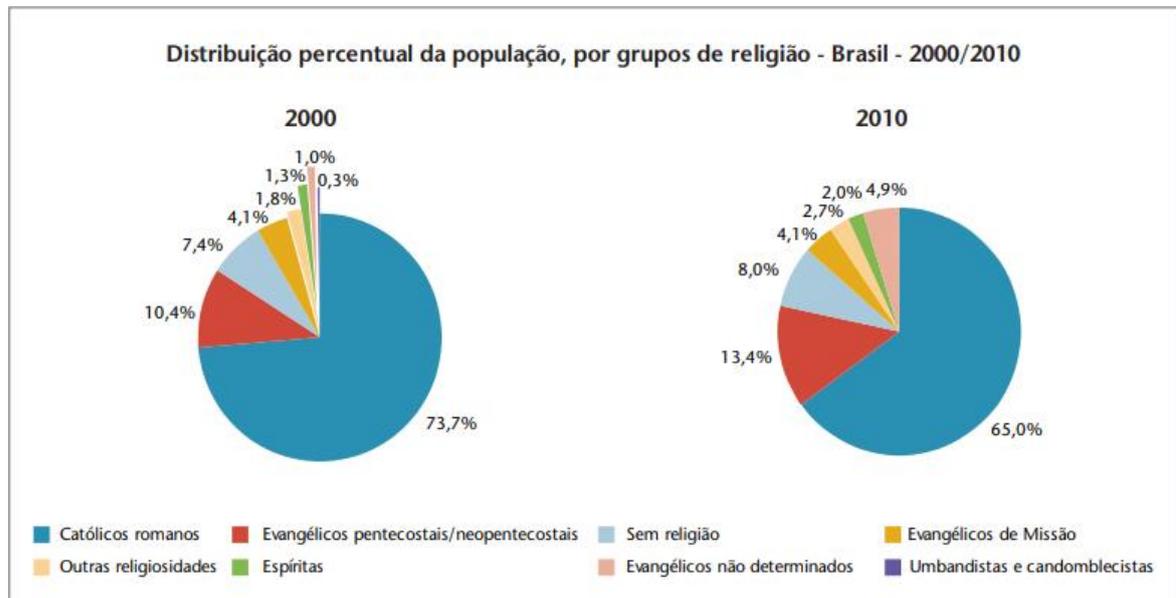
Rosendahl apresenta também os relevantes estudos religiosos-geográficos de Mônica Sampaio Machado (1992) centrados no fenômeno do pentecostalismo. Machado estabelece uma relação entre religião, território e territorialidade, com foco no pentecostalismo, descrevendo a territorialidade dessas igrejas protestantes como informal e fugaz (MENDONÇA; KOZEL, 2002). A relevância social da sua pesquisa na Geografia da Religião brasileira se deve ao fato de que são poucos os trabalhos referentes à dimensão espacial do movimento pentecostal. Sua contribuição será de extrema importância nos capítulos seguintes deste estudo.

O caminho da pesquisa em Geografia da Religião no Brasil, relacionando diferentes saberes destes dois âmbitos que dão nome a essa variante dos estudos geográficos, acompanha as mudanças sociais, culturais, políticas alinhadas à produção dos espaços e processos socioespaciais produzidos pelas imbricações de distintas dimensões da realidade. Estas têm sido articuladas por movimentos conceituais e acontecimentos que atuam como forças impressas por atores sociais em tais espaços de ação, induzindo a novas configurações. A territorialidade religiosa insere-se nessa discussão, tendo seus contornos ou alcances alterados conforme a necessidade de corresponder à afirmação de poder e ao grau de complexidade do próprio dinamismo espacial ou institucional. Os estudos sobre a perspectiva territorial permitem também elaborar uma crítica da ontologia, da modernidade e da pós-modernidade, não desperdiçando tempo sobre ser ou não pós-moderno.

1.3.2 As igrejas pentecostais no atual contexto da cidade de Manaus

No censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, foram apresentados dados sobre a religião no Brasil e apontou o crescimento da população evangélica, tendo recebido forte impulso da ascensão das igrejas pentecostais e neopentecostais. Na figura 2, que apresenta os dados do referido censo demográfico a partir de uma distribuição percentual da população brasileira, é possível perceber as mudanças ocorridas em uma década, entre 2000 e 2010, com aumento significativo dos cristãos pentecostais e de outras religiosidades.

Figura 1 – Distribuição perceptual da população, por grupos de religião



Fonte: Rio de Janeiro, IBGE, 2012.

Segundo o teólogo Walter Altman, o Estado Brasileiro, oficialmente reconhecido como Estado laico, continua “um país profundamente religioso e, em ampla maioria, cristão”. Para ele, “o que está em curso é uma crescente fragmentação e um processo de forte reorganização do cristianismo no país, em favor, sobretudo, das igrejas pentecostais” (ALTMAN, 2012, p. 1125). No que diz respeito à qualidade do levantamento censitário, a antropóloga Clara Mafra faz um comentário e apresenta sugestões, para ela:

Todos sabemos das metáforas na construção das teorias sobre a vida social. Para o caso das religiões, sugiro que, de uma vez por todas, substituamos a metáfora do mapa – das religiões como uma topografia unidimensional com fronteiras que ocasionalmente se sobrepõem e vazam – por outra, de um holograma, com unidades em constante movimento, com ramificações chegando a ordens inimagináveis de extensões e nós. Se focarmos na metáfora do holograma, seremos conduzidos a fazer operações mais ousadas e flexíveis com os números do que as que temos realizado até o presente momento (2013, p. 18).

Os processos de ramificação e virtualização, de acordo com MAFRA (2013), resultam de uma descentralização ou mesmo múltiplos centros (com foco na subjetividade e na autogestão) referentes às malhas institucionais criadas pelas igrejas evangélicas. Essas características de autodissolução e não-fixidez (em fluxo), conectadas às linhas de força institucionais e por elas articuladas, sem necessariamente existir uma ancoragem relacionada à espiritualidade pentecostal, pode ser vinculado, num primeiro momento, ao processo de produção do espaço

urbano, particularmente relacionado à metropolização do espaço enquanto “processo socioespacial que metamorfoseia o território” (LENCIONI, 2017, p. 41). Ao tematizar as redes imateriais, Lencioni fala de uma estruturação, tratando-se de um grande desafio para os estudos na ciência geográfica, tendo em vista que “não há indicadores sistematizados para dimensionarmos a densidade virtual dos lugares” (2017, p. 55). Para que haja uma melhor compreensão das malhas institucionais das igrejas pentecostais vinculadas ao processo de urbanização e de metropolização, faz-se necessário voltar à Lencioni, que, partindo de uma tríade analisada por Henri Lefebvre, a saber, “homogeneização, fragmentação e hierarquia” (1980), pontua:

A metrópole contemporânea, essa de tantos nomes, é a expressão máxima da constituição de um espaço ao mesmo tempo homogêneo, fragmentado e hierarquizado. Sua unidade tem na constituição de redes a garantia de sua integração. As redes sociais, as redes materiais e imateriais permitem, assim, garantir a continuidade na descontinuidade; a unidade na fragmentação e o domínio, na hierarquia (LENCIONI, 2017, p. 39).

Junto à espacialização da economia e da política numa metrópole dispersa, ao modo de conjuntura e alinhada à densidade das redes, estão as linhas de forças institucionais das igrejas pentecostais, tensionada por ancoradouros de uma cultura católica (MAFRA, 2013) e que vão tentando se equilibrar no próprio tecido da dinâmica social e, em fluxo, estruturando a sua territorialidade, aqui entendida como um sistema territorial religioso.

Em relação ao segundo momento no qual é possível aproximar uma compreensão das malhas institucionais das igrejas pentecostais vinculadas ao processo de produção do espaço urbano, tornou-se relevante, na presente pesquisa, referenciar Lobato CORREA quanto à heterogeneidade espaço-cultural no Brasil. Nas suas palavras, é numa “região urbano-industrial, habitada por uma imensa massa de trabalhadores, que se expandem o movimento pentecostal, o qual ganha crescente números de adeptos nas periferias metropolitanas” (CORREA, 2000, p. 10). As profundas desigualdades sociais, tomadas como exemplo de contradição na sociedade, conectam-se com a busca de um desenvolvimento na estratégia territorial, tornando-se mais compreensível quando são relacionadas formas simbólicas e o espaço, de acordo com CORRÊA:

Como tais, as formas simbólicas espaciais se realizam em grande parte, em razão da localização ou do itinerário que cada uma apresenta. Inversamente, localizações e itinerários são marcados pela presença de objetos e percursos de pessoas e veículos, aos quais são atribuídos significados simbólicos (2018, p. 227-228).

Trata-se de um movimento de dar e receber na relação de fixos e fluxos, na conexão de localizações e itinerários no espaço, na medida em que, no seu percurso simbólico, transmite uma mensagem vinculada a “uma natureza política das formas simbólicas em sua espacialidade” (CORRÊA, 2018, p. 229). Na presente pesquisa o desafio é analisar a territorialidade pentecostal, olhando as formas simbólicas na sua espacialidade, de diferentes perspectivas e a partir da mobilidade e da diversidade da dinâmica religiosa.

Seguindo a metáfora do mapa, tendo as religiões como “unidades compartimentadas numa topografia plana” (STEIL, 2013, p.32), quanto à leitura dos dados do censo, observa-se que no último levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em Manaus, no ano de 2010, apresentou um aumento no número de membros das igrejas evangélicas, de 21% (em 2000) para 31% (em 2010). Em 2011 a Ordem dos Ministros Evangélicos do Amazonas (OMEAM), responsável pela organização da Marcha para Jesus em Manaus, por meio de um jornal local, fazia uma estimativa de que havia no Estado do Amazonas mais de 5 mil templos evangélicos, sendo cerca de 3 mil na capital. E no mesmo ano, a OMEAM noticiava que em todo o Amazonas existiam 870 mil evangélicos, sendo cerca de 630 mil concentrados em Manaus. Em 2021, a OMEAM divulga novos números, sendo 8,5 mil igrejas evangélicas na capital amazonense.

Portanto, os dados refletem o crescimento do número de evangélicos das denominações pentecostais, sendo que há o reflexo dessa realidade no espaço urbano da metrópole, considerando que inevitavelmente há o aumento do número de templos e sua dimensão espacial igualmente se amplia no contexto da cidade.

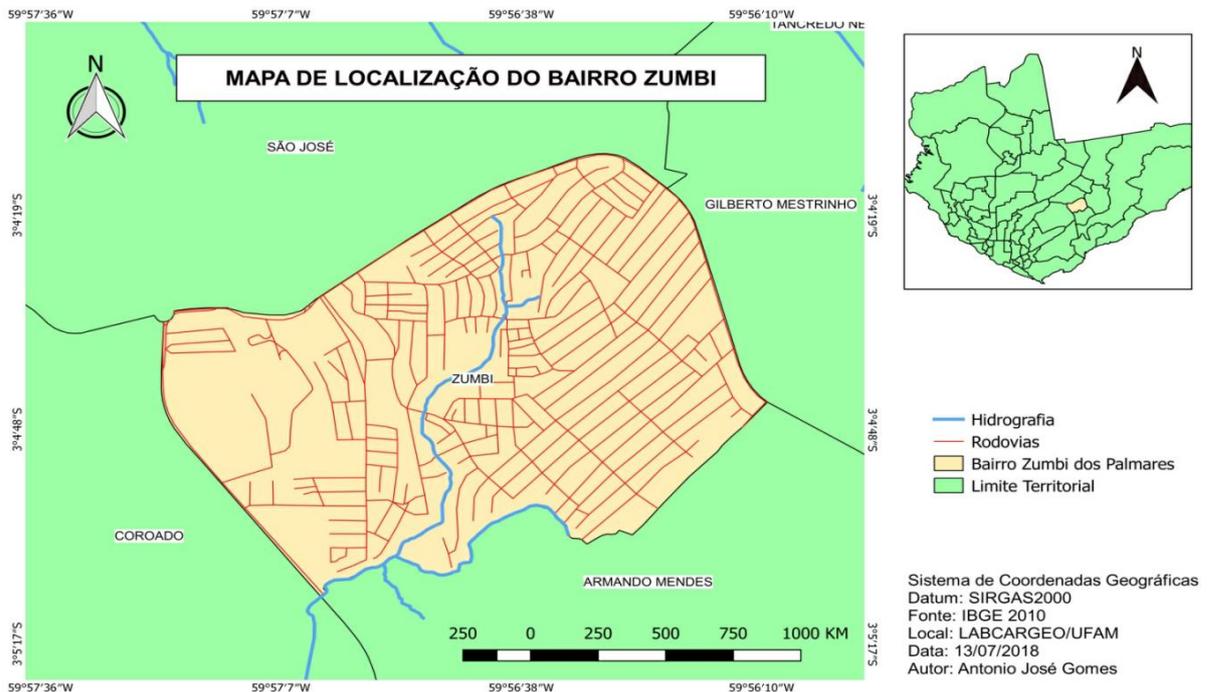
2. Caracterização da organização socioespacial da territorialidade evangélica no bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus- AM

O espaço geográfico na Metrópole Manaus, onde sujeitos compartilham as suas rotinas num ritmo de um tempo acíclico e cronológico, dos horários pré-definidos dos ônibus, do funcionamento das escolas e do comércio, transforma-se em espaço sagrado, numa temporalidade específica, aos sábados ou aos domingos, pela manhã ou na noite. Essa mudança e, ao mesmo tempo, construção de significados e de funções insere-se dentro de procedimentos e rituais religiosos que parecem conectados a mecanismos de apropriação do espaço sagrado.

Há, por exemplo, uma logística de transporte dos evangélicos que congregam em determinada igreja, quer por uma redução do número de veículos automotores no transporte público aos finais de semana em Manaus, quer por outras razões que seria interessante investigar e que no momento apenas suscitam interrogações: estratégia para demonstrar boa participação dos que aderiram à fé? Intenções proselitistas ao destacar a intensidade dos vínculos afetivos dos que ali congregam e que, mesmo morando longe, permanecem unidos à igreja? Manobras de controle, que seria comum numa "territorialidade informal e fugaz que definem a peculiaridade da expansão espacial do pentecostalismo"? (MACHADO, 1997, p. 48); Acolhimento, comunhão e unidade? Diante de tantas perguntas, permanece a relevância de se investigar a estrutura religiosa da territorialidade evangélica, levando em conta todo um contexto de redefinição de lugares e de "não-lugares" (MARC, 2004), um universo de redes e de escalas.

Compreender a territorialidade religiosa das igrejas evangélicas a partir de uma caracterização da organização socioespacial alinhada à estrutura religiosa é o tema deste capítulo. O posicionamento e a espacialidade dos templos evangélicos de diferentes denominações e o modo como as igrejas evangélicas se articulam e interagem no espaço geográfico, constituem um sistema territorial religioso no espaço urbano. Em outras palavras, uma estrutura religiosa é visibilizada numa paisagem religiosa evangélica. Ora, se "a paisagem como um sistema territorial pode ser interpretada à luz de uma investigação ampla sobre a produção do espaço, pois ela é a sua expressão visível" (FURLAN, 2019, p. 232), então se faz relevante, como caminho epistemológico inicial e estruturante de análise da territorialidade religiosa, caracterizar a organização socioespacial através de uma delimitação geográfica. Esta acontece como recorte espacial, na Metrópole Manaus, do bairro Zumbi dos Palmares, que foi o resultado de uma ocupação iniciada em 1981 e é um dos mais populosos da zona leste da capital do Estado do Amazonas (Brasil), e num recorte temporal que compreende os anos de 2019 a 2021.

Figura 2 - Mapa com a localização do bairro Zumbi dos Palmares em Manaus



Fonte: dados do IBGE, 2010, com a utilização do software Q-Gis. Elaboração: Gomes, 2018)

Na figura 2 está o mapa de localização do bairro Zumbi dos Palmares. Extraoficialmente ele é dividido em três partes: Zumbi 1, que compreende a parte mais próxima ao bairro São José; o Zumbi 2 é descrito pelos moradores como a área que faz limite territorial com o bairro Gilberto Mestrinho; e o Zumbi 3, sendo a parte do bairro próxima aos bairros Coroadó e Armando Mendes. O entroncamento das três partes situado ao centro do mapa, no que é chamado por populares de “coração do Zumbi dos Palmares”, caracteriza-se pelo forte adensamento e é o que concentra a maior parte dos templos evangélicos pentecostais.

O bairro Zumbi dos Palmares situa-se na zona leste de Manaus. Esta "constitui uma das maiores áreas com característica horizontais da Cidade" (Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus, 2014) e possui atividades industriais no seu entorno, o que incentiva a busca por postos de trabalho por parte da população e o uso e ocupação do solo urbano, descrito pelo documento supracitado como "ocupação desordenada do território municipal" a ser combatida mediante propostas de reassentamento por parte da gestão pública dentro de uma política habitacional de "interesse social". De acordo com informações do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do censo de 2010, citados num sítio do Ministério da Educação (MEC):

A zona leste tem em média 6,4 pessoas por família. A população economicamente ativa é de 60,32% mas o índice de desemprego, ou de pessoas em estado de subemprego, ainda é muito alto. Das famílias da região, 68% ganham menos de dois salários mínimos e só 3,4% mais do que cinco salários mínimos. Quanto à escolaridade, 30,4% cursaram apenas o 1º grau, só 5,7% o 2º grau e apenas 0,1% tem curso superior (IBGE, 2010).

Índices em si, centrados numa estrutura econômica e geradores de análises e discursos, podem não representar efetivamente a dinâmica da vida cotidiana nos seus processos socioespaciais e que se desenvolvem no ritmo do tempo acíclico, ocorrendo extraoficialmente, não sendo oficialmente reconhecidos pelas instituições políticas e jurídicas com os seus mecanismos estatais de intervenções e regulações.

A estrutura religiosa da territorialidade pentecostal torna-se visível na paisagem, e de modo especial é identificada visualmente nos templos religiosos. É a partir deles que será desenvolvida a investigação do sistema territorial religioso ou a análise da territorialidade religiosa, caracterizando a organização socioespacial por um estudo da espacialidade dos templos.

Em princípio, cabe interrogar sobre a localização e funcionalidade de um templo religioso evangélico do ramo pentecostal. Verdade é que tal interrogação, para estar melhor formulada e fundamentada em termos de conteúdo, precisa se articular com bases conceituais e com um referencial teórico que permita também avançar para desenvolver a própria análise. Num primeiro momento da presente abordagem, o templo como "lugar", não se insere diretamente como categoria de análise da ciência geográfica, dentro do que afirmava Yi-fu Tuan ao relacionar com a percepção (os sentidos), mas é a localização em si, enquanto terreno, imóvel próprio ou alugado. E aqui há um amistoso diálogo com a geografia crítica, no sentido de relacionar a funcionalidade dos lugares com as relações sociais enquanto caminho metodológico para caracterizar a organização socioespacial, pois:

A prática espacial se apoia na determinação dos valores de uso dos lugares cuja origem se situa no culto da religião. Deste modo, nota-se que seu sentido subjetivo não se separa da materialidade objetiva que permite que as relações sociais se realizem, mas, pelo contrário, liga-se dialeticamente a ela, revelando um conjunto articulado de lugares-espacos-tempos de realização da vida urbana (CARLOS, 2018, p. 97).

Esse "conjunto articulado de lugares-espacos-tempos" (e, porque não dizer, essa estrutura religiosa) que é mostrado pela localização e funcionalidade dos templos evangélicos, tende a acentuar uma dimensão simbólica e ideológica, mas também com ressonâncias em aspectos jurídicos e econômicos. É nesse processo mental ou por esse caminho de uma desconstrução racional da paisagem religiosa evangélica pentecostal que se pretende a partir de agora seguir.

II COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM RELIGIOSA EVANGÉLICA PENTECOSTAL: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO FENÔMENO RELIGIOSO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

1 Conceito de paisagem religiosa no âmbito pentecostal

Considerando a afirmação de Cavalcanti, segundo a qual “a Geografia é um conhecimento da espacialidade. Seu papel é explicitar a espacialidade das práticas sociais” (2012, p. 150), e levando em conta que a paisagem é a expressão visível da espacialidade (FURLAN, 2019, p. 232), cabe inicialmente apresentar neste segundo capítulo do presente estudo uma abordagem conceitual de paisagem religiosa pentecostal como introdução à compreensão da territorialidade religiosa, partindo da paisagem visibilizada na distribuição espacial dos templos das igrejas pentecostais.

Pela imagem material e estrutural dos templos pentecostais, que são construções humanas ligadas a instituições religiosas, torna-se observável uma imagem cultural que se revela no cotidiano em tais estruturas religiosas; sendo estas as mediações para perceber as representações e os significados por elas refletidos.

Nas palavras de GIL FILHO:

A paisagem fornece os elementos da realização das práticas religiosas assim como expressa as marcas da dinâmica que permite entendê-la nos seus símbolos como representação das intencionalidades da religião. A paisagem religiosa se apresenta além da materialidade imediata dos elementos historicamente produzidos pelas religiões, remetendo a representações religiosas cujos significados emergem a partir das tradições e dos textos sagrados (2009).

O templo pentecostal no espaço urbano estabelece uma interação com as atividades cotidianas próprias desse ambiente, seja pela identificação visual e pela toponímia ou por ações desenvolvidas nas imediações. Nesse processo de interação, que constitui a paisagem religiosa evangélica, é observado, de acordo com Gil Filho, o reflexo do “pluralismo e da diversidade religiosa”, sendo que nele se espelha também o ponto de partida que consiste na “reprodução dos padrões de cultura condicionados pelas circunstâncias dinâmicas das práticas dos indivíduos e grupos” (GIL FILHO, 2009, p. 4). As marcas na paisagem decorrem, segundo esse geógrafo, dessa complexidade cultural alinhada a contextos socioculturais e econômicos. Ao apresentar em linhas gerais o templo como um dos elementos proeminentes da paisagem religiosa, Gil Filho assim se expressa:

O templo é um elemento da paisagem que está ligado diretamente a uma identidade religiosa, pois circunscreve um espaço sacralizado que catalisa uma rede de práticas e discursos que impulsionam o ser humano à transcendência religiosa permitindo sensações, emoções e idéias que fornecem um sentido do sagrado. É um ambiente resignificado pelo discurso e o rito religioso que permite o sentido de ser religioso e o contato místico e simbólico com a teofania. Trata-se de um espaço concebido de inspiração em um ato ou texto fundador da religião que intui uma permanência do mundo religioso contrastante a crescente obsolescência do mundo secular (2009, p. 5).

O edifício do templo na sua materialidade, tornado marca visível na paisagem e reconhecido por sua arquitetura, torna-se mediação entre o mundo cultural e o mundo espiritual pelo sentido sagrado que lhe é atribuído. Em termos de representação e num movimento único, o edifício do templo une e também separa “contingência e transcendência” (GIL FILHO, 2009, p. 12), materialidade imediata e mundo de significados. De acordo com Eller, ao espaço sagrado criado por humanos é muitas vezes atribuído “poder e significado espiritual” (2018, p. 111). Trata-se de um poder vinculado à sacralidade, mas que se materializa através das instalações da instituição, podendo ser observado na “estrutura organizacional da igreja” (ELLER, 2018, p. 447). Contudo as instalações, consideradas a partir das necessidades administrativas, não devem determinar a direção na qual a igreja caminha (STETZER, 2015, p. 314), nesse sentido, segundo Stetzer, o templo pentecostal pode ser temporário (“estratégia portátil de ministério”) ou permanente, numa perspectiva de crescimento local (2015, p. 302 e p. 310). No que se refere à estratégia portátil de ministério, importa reforçar que havendo mudança nas necessidades estruturais, a igreja muda de local (2015, p. 310), sem alterar seu projeto missional. Ainda Stetzer, no seu manual sobre a plantação de igrejas missionais, destaca que:

Quer você alugue ou compre, quer pague à vista ou por meio de empréstimo, quer construa uma nova estrutura ou reforme uma estrutura existente, o prédio em que a igreja se reúne é um presente de Deus para o ministério, e não um monumento a ser protegido. Planeje bem a sua utilização (2015, p. 314).

Tal planejamento no processo de plantação de igrejas evangélicas pressupõe uma política territorial de espacialização, via logística administrável e que garanta certo conforto, que pretende ir além do modelo centrado em prédios (culturalmente adotado pela Igreja Católica Romana), levando em conta que instalações físicas definitivas não limitarão sua atuação e pretensão de crescimento.

A paisagem religiosa no âmbito pentecostal, como expressão visível da espacialidade dos templos, tendo estes como suas marcas, permitem um contato (que vai além da estrutura perceptual) com as representações religiosas, possibilitando uma melhor interpretação da imagem cultural e das práticas socioespaciais na territorialidade religiosa pentecostal. É, portanto, na perspectiva da “construção de espaços e lugares” (MASSEY, 2012, p. 248), numa compreensão do sistema territorial religioso pentecostal e através de uma dimensão político cultural que a presente pesquisa vai se articulando.

2 "Vês estas construções?" (Mc 13,2): a perspectiva do sagrado e um modo geográfico de olhar o templo evangélico

Dentro do anúncio da ruína do Templo de Jerusalém (Mc 13,2), relatam os livros sagrados do cristianismo (evangelhos no Segundo Testamento) que Jesus Cristo, ao se retirar do Templo de Jerusalém, começou um diálogo com um dos seus discípulos que parecia maravilhado com todo o esplendor daquela paisagem: "Mestre olha que pedras (fragmentos rochosos), que construções!" O convite a se deter na imagem próxima por uma percepção estética do edifício, não levando em conta que ele também representava um poder econômico e financeiro, com uma função de ensinamento e até como lugar de beneficência (LACOSTE, 2004, p. 1698), tende a conduzir o observador a compartilhar da experiência de um peregrino ou visitante (podendo ser também um pescador galileu) impactado pela novidade que tem diante de si. Numa visão geral da teologia bíblica e do estudo das religiões assim se entende o templo em termos conceituais:

Em todas as religiões o templo é um lugar sagrado em que a divindade, segundo se crê, torna-se presente aos homens, para receber seu culto e fazer participar de seus favores e de sua vida. Sem dúvida, sua morada ordinária não pertence a este mundo, mas o templo de algum modo com ela se identifica, de modo que graças a ele o homem entra em comunhão com o mundo dos deuses. Este simbolismo fundamental se encontra também no Antigo Testamento, onde o Templo de Jerusalém é o sinal da presença de Deus entre os homens (LEON-DUFOUR, 2009, p. 1002).

Em resposta ao discípulo e demonstrando estar ciente da função simbólica do Templo, o mestre responde de uma forma surpreendente, como se estivesse, com o discípulo, distanciando-se do cenário: "Vês estas grandes construções?" (Mc 13,2). E então o mestre, iniciando um discurso escatológico, conduz o discípulo a um novo olhar, a olhar novamente para a paisagem geográfica. Essa resposta de Jesus,

inserida num discurso da ciência geográfica, implicaria na necessidade de se levar em conta, nessa nova perspectiva do discípulo, um tipo de decomposição socioespacial através da paisagem, localizando o templo dentro de um sistema territorial religioso.

A análise da distribuição espacial das igrejas evangélicas, tendo como suporte teórico-analítico a territorialidade religiosa é, no presente trabalho, o caminho hermenêutico e estrutural para tirar o véu das feições geográficas ou configurações geradas pelas disposições das formas espaciais simbólicas ou, em outras palavras, os elementos que compõem e dão vida à paisagem religiosa. Tal vitalidade se expressa no templo relacionado à identidade religiosa.

A circunscrição religiosa concretizada em formas espaciais simbólicas ou elementos da paisagem, revestidos de um significado religioso pela experiência do sagrado, insere-se num discurso e numa lógica funcional de espacialidade, própria das instituições humanas, também das instituições religiosas. Para Rosendahl, "territorialidade significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território" (2009, p. 203). Estender essa territorialidade das igrejas evangélicas pela materialidade e disposição dos templos religiosos, permite acompanhar a composição de leituras simbólicas e uma delas conecta-se com a "expansão da metrópole na formação da sua rede tentacular" (HAESBAERT, p. 89, 2017), cuja representação sugere o alcance de fiéis; sendo que na Metrópole Manaus é uma expansão territorial que pode ocorrer também através de becos de ocupações irregulares (ponto de vista fundiário e urbanístico) e contornando as margens dos canais fluviais (igarapés). Em alguns bairros da Metrópole Manaus, esse movimento de expansão vai do platô ao fundo de vale, chegando-se mesmo a identificar que "as igrejas evangélicas estão distribuídas nas áreas mais baixas da Bacia Hidrográfica do Mestre Chico" (SILVA, 2018, p. 84) e em outras áreas mais baixas da Metrópole Manaus. No bairro Zumbi dos Palmares, foi observada a localização de templos ao longo das vertentes, especialmente com forte adensamento, em vias de grande circulação de veículos automotores e com muitas casas comerciais, bem como nos fundos de vales.

Figura 3 - Ponto de Oração da Igreja Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas, localizado no Beco Bom Jesus (Fundo de vale), Bairro Zumbi dos Palmares - Manaus - AM



Fonte: Gomes, 2019

Figura 4 - Ponto de Oração da Igreja Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas, registro fotográfico de 2022



Fonte: Gomes, 2019

As figuras 3 e 4, um ponto de oração cuja placa diz pertencer à Igreja Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas. Situado no beco Bom Jesus, que fica num fundo de vale, popularmente chamado pelos moradores de “areal”, o ponto de oração pode ser visto em duas temporalidades, ano de 2019 e ano de 2022. A presença dessa construção representa a estratégia de aproximação de uma denominação religiosa, saindo do conforto e da segurança do templo-sede e buscando se territorializar em um beco, levando sua mensagem pentecostal. Como uma igreja efetivamente em saída, foi alinhando a sua missão eclesial com a territorialidade. O registro feito em 2022 do mesmo imóvel mostra um certo desgaste. Nas ocupações dos becos Bom Jesus e Palmares, três igrejas pentecostais foram desativadas entre 2019 e 2021, como também foi observado em campo que os becos passaram a ser controlados por alguns moradores.

3 Compondo a paisagem: o templo como forma espacial simbólica no sistema territorial religioso das igrejas evangélicas

A estrutura territorial das igrejas evangélicas pentecostais tematizada como paisagem religiosa está sendo analisada a partir do templo religioso enquanto forma espacial simbólica. Se a paisagem é "um modo de ver" (COSGROVE, 1985; Citado por CORRÊA, 2018, p. 224), depreende-se disso a projeção de diferentes olhares ou percepções - "vês estas construções?" - que considera não somente o ponto de vista, mas também a localização do objeto vinculada a relações de poder, pois:

A natureza relacional da localização associa-se à prática da repetição em locais distintos, de formas simbólicas emitindo mensagens semelhantes, ou em prática de contrastação, com formas simbólicas emitindo mensagens antagônicas e situadas em locais próximos. A localização de um objeto ou percurso simbólico é, assim, caracterizada por um raciocínio político, pressupondo o conhecimento do espaço geográfico e do sentido locacional de objetos e percursos simbólicos (CORRÊA, 2018, p. 229).

Assim, quando se pergunta pelo papel do templo religioso, direciona-se a reflexão para as estratégias de controle de um território e uma intencional adequação da prática discursiva pela qual o significado se projeta da forma espacial e se articula de modo socioespacial, gerando processos e tecendo paisagens. Para melhor desenvolver o tema do sistema territorial religioso de uma igreja evangélica, tendo o templo (forma espacial simbólica) como componente estruturante de uma paisagem religiosa, serão feitas algumas prévias análises de recortes espaciais no bairro Zumbi dos Palmares, na Metrópole Manaus.

Figura 5 - Placa de uma igreja já desativada, estava situada na rua Coronel Bolcinhas, esquina com a rua Pegoraro, Bairro Zumbi dos Palmares, Manaus - AM



Fonte: Gomes, 2018/2019.

Figura 6 - Um mesmo imóvel que já foi alugado para duas igrejas evangélicas. Rua Pegoraro, Bairro Zumbi dos Palmares, Manaus - AM



Fonte: Gomes, 2018/2019.

Numa esquina com a rua Pegoraro, por onde passa uma linha de ônibus, exatamente de frente à feira do bairro Zumbi dos Palmares que foi construída num beco que dá acesso à avenida Cosme Ferreira, está localizado um imóvel, cuja parte inferior - no térreo - tem sido alugado por diferentes igrejas. Trata-se de apartamentos com instalações planejadas no sentido de atrair clientes específicos, especialmente denominações evangélicas. A mais recente igreja a se instalar no imóvel foi a Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM). Esta contava em 2019 com quinze templos no bairro Zumbi dos Palmares, segundo pesquisa de campo. Entre os 105 templos registrados no bairro, a IEADAM se destaca quer pelo maior número de templos, quer pela estrutura religiosa na sua territorialização e atuação em redes geográficas (subdivisão em área, casa de oração, congregação e mais recentemente "geração").

Figura 7 - Detalhe da placa da igreja fixada no imóvel na rua Coronel Bolcinhas, esquina com a rua Pegoraro, bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus - AM



Fonte: Gomes, 2018/2019

Ao comparar a imagem na figura 3 (ponto de Oração da Igreja Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas, localizado no Beco Bom Jesus num Fundo de vale) com a imagem na figura 6, sendo que as denominações retratadas são as duas mais presentes no bairro Zumbi dos Palmares, IEADAM E IEADTAM, percebe-se que há semelhanças porque elas desenvolvem atividades missionárias e são referências para espiritualidade, sendo o templo lugar do culto, da pregação e da adoração. Quanto às diferenças, de um lado há um espaço sagrado, construído de forma simples, situado num fundo de vale e que sequer recebe o nome templo, mas apenas “ponto de oração” e com fiéis os quais buscou e deles se aproximou, em condições de vulnerabilidade; de outro lado a capacidade de optar pelo platô ou no curso de uma vertente para se instalar, onde há mais visibilidade e melhor mobilidade para as pessoas procurarem o templo

A maior parte dos templos da IEADAM no bairro Zumbi dos Palmares está localizada em platôs ou ao longo da vertente, raramente em fundo de vale e, quando ocorre tal localização, são identificadas como pontos de pregação ou células que se reúnem nas casas dos cristãos evangélicos.

Na rua Coronel Bolcinhas, os elementos da paisagem possibilitam boa visibilidade ao templo, bem como acessibilidade e funcionalidade à igreja e, por estar nas imediações da feira do bairro e numa esquina, atrai a atenção das pessoas que circulam pelo comércio a pé, em seus veículos ou nos ônibus da linha 081, cuja parada está situada na própria esquina. Mesmo sem a imponência de outros templos da mesma denominação, o texto escrito na placa parece ser suficiente para convencer o cristão a lhe dar credibilidade. Verifica-se, contudo, que nessa placa da figura 7 não há os mesmos apelos que são percebidos nos templos mais próximos do fundo de vale. Num dessas placas, observada na figura 8, que em alguns casos podem ser consideradas sagradas, há os dizeres que seguem uma seta com degraus: ganhar, consolidar, treinar e enviar. O texto na placa apresentada em detalhe na figura 9, seguindo os degraus de uma escada, sinaliza não apenas o aspecto missional, mas também o método de estratégia de crescimentos e de reprodução da denominação pentecostal na área estudada.

Figura 8 - Templo (alugado) da Igreja Assembleia de Deus no Amazonas, situado numa parte mais baixa do bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus - AM



Fonte: Gomes, 2018.

Figura 9 - Templo (alugado) da Igreja Assembleia de Deus no Amazonas. Essa placa em 2022 foi vista durante a pesquisa de campo fixada num terreno nas imediações, onde está sendo construído novo templo



Fonte: Gomes, 2018

No bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus, foram identificados também seis templos da Igreja Assembleia de Deus Tradicional, seis templos da Igreja Pentecostal Unida do Brasil, quatro templos da Igreja Pentecostal Deus é Amor e três da Igreja de Deus Pentecostal do Brasil. Ainda três da Igreja Universal do Reino de Deus e também três templos da Igreja Assembleia de Deus Madureira. Outras denominações evangélicas contavam com um ou dois templos.

A segunda Igreja cristã evangélica a ser observada sob o olhar geográfico no contexto do sistema territorial da paisagem evangélica é a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA).

Figura 10 - Templo da Igreja Pentecostal Deus é Amor, ao lado de outro templo. Bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus - AM



Fonte: Gomes, 2018.

Os templos dessa denominação cristã em sua maioria localizam-se na parte central do bairro ou também na parte final, descendo a vertente, centro do bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus, Amazonas. A figura 10 mostra o templo de uma IPDA ao lado do templo de outra igreja pentecostal. De tradição pentecostal ultraconservadora e com quase um milhão de membros no Brasil, a Igreja Pentecostal Deus é Amor imprime suas marcas religiosas no espaço geográfico compondo uma paisagem religiosa. De acordo com informações do endereço eletrônico da própria igreja, ela foi fundada em 3 de junho de 1962 no bairro Santa

Maria, em São Paulo, começando com apenas três membros: Missionário David Martins Miranda, sua mãe, Anália Miranda e sua irmã Araci Miranda.

No site da igreja na internet é possível encontrar um link que trata da solicitação de uma IPDA e apresenta um endereço para envio de e-mail (abertura.ipda@ipda.com.br). Nas orientações é solicitado a quem deseja ter uma Igreja Pentecostal Deus é Amor, que sejam enviados: dados da localização onde pode ser aberta a igreja, incluindo, se possível, fotos e a distância mais próxima de outra IPDA; também o número de membros. A territorialidade sugere ser estruturada leva em conta a proximidade de outra IPDA. As marcas religiosas dessa igreja na paisagem são observadas por certa proximidade entre os templos e pela complexidade estrutural da sua logística de atuação entranhada no cyber espaço através de projetos, dentre eles: Curso Bíblico Deus é Amor (CBDA); Escola Teológica Deus é Amor (ETDA); Projeto Evangelístico Missão Urgente (PEMU); projeto assistencial Fundação Reviver e uma Rede de Rádio (700 emissoras de rádio a nível mundial, espalhadas por 23 países).

Vês estas grandes construções?"(Mc 13,2). A breve caracterização de dois templos da IEADAM e IPDA observados como formas espaciais simbólicas numa mesma paisagem, mas com diferentes sistemas territoriais religiosos, sugere ao observador um olhar diferente, que é também outro modo de ver, entretanto há uma estrutura que os assemelha: a estrutura religiosa, havendo, portanto, a possibilidade de se construir um caminho hermenêutico (do raciocínio político) e fenomenológico - diante da paisagem religiosa - que conduzam para as vivências dos sujeitos, rumo à uma análise dos significados.

4 Breve descrição da paisagem religiosa evangélica no bairro Zumbi dos Palmares em Manaus - AM: mutações na experiência do sagrado?

Uma marca na paisagem apresentada numa foto (figura 12): trata-se de um templo desativado, localizado na rua Bom Jesus no bairro Zumbi dos Palmares (Latitude -8.0887894 e Longitude -34.9765501) e que ainda conserva o letreiro "Assembleia de Deus". Em outras imagens (Duas fotos, figuras 12 e 13), um templo com marcas mais recentes e um placa fixada no portão avisando que o ponto está disponível para ser alugado. O que os imóveis têm em comum é o fato de seguir uma lógica política e espacial (também econômica, ligada a agentes modeladores do

espaço), na qual o templo religioso pentecostal como uma forma espacial simbólica transmuta o ponto alugado ou cedido num lugar da experiência do sagrado (hierofania). Nas entrelinhas dessas passagens desenvolvem-se arranjos diversos que através de outro "modo de ver" se consegue tirar o véu e perceber, a saber, que

a espacialidade, componente essencial da existência e da reprodução humana, está impregnada de significados. As formas espaciais não realizam apenas funções econômicas, políticas e sociais, mas também comunicam crenças, ideias e valores diferenciadamente incorporados (...) A espacialidade, incluindo os fixos e os fluxos, as diferentes escalas e os arranjos espaciais estão impregnados de significados, ganhando pleno sentido (CORRÊA, 2018, p. 296).

Com isso, o imóvel sem função ou parte dele, ao ser locado para uma igreja evangélica, poderá manter a sua dimensão simbólica de templo religioso pelo significado que o grupo social a ele confere.

Figura 11 - Imóvel localizado na rua Bom Jesus, bairro Zumbi dos Palmares, Manaus - AM



Fonte: Gomes, 2019

Figura 12 - Imóvel, onde funcionava um templo evangélico, com uma placa por meio da qual os proprietários anunciam a disponibilidade para locação. Bairro Zumbi dos Palmares – Manaus-AM



Fonte: Gomes, 2019

Figura 13 - Imóvel, onde funcionava um templo evangélico, detalhe da placa anunciando que está disponível para locação. Bairro Zumbi dos Palmares – Manaus-AM



Fonte: Foto - Gomes, 2019.

Ao abrir essa perspectiva sobre imóveis e sua função simbólica, observa-se que as mensagens continuam atuantes na configuração da paisagem devido ao que Corrêa chama de "natureza relacional da localização" (2018, p. 229). Em outras palavras, paira no ar da territorialidade religiosa elementos configurativos imateriais (mensagens, discurso) da paisagem religiosa (expressão da territorialidade), prontos a se materializarem em uma nova localização ou percurso simbólico. De acordo com o supracitado geógrafo, a articulação ou caracterização da localização do (novo) objeto ou percurso simbólico seguirá pelas vias de um "raciocínio político".

5 A fluidez e não fixidez: redes pastorais e a reterritorialização

O movimento da "materialização objetiva do poder" (HAESBAERT, 2017, p. 87), aplicado na presente pesquisa ao espaço referencial dos templos (em princípio numa concepção um tanto funcional), conectado com o dinamismo de uma rede simbólica pentecostal, manifestam-se no espaço metropolitano, sendo que este revela o desenvolvimento de uma racionalidade política atuando numa dimensão disciplinar e simbólica. Nessa perspectiva, considera-se no presente estudo (ao ser abordado a fluidez e não fixidez na paisagem religiosa pentecostal) o conceito de poder ligado a recursos (não sendo ele precisamente um recurso), seguindo os estudos de Giddens, sendo que para ele "os recursos (focalizados via significação e

legitimação) são propriedades estruturadas de sistemas sociais, definidos e reproduzidos por agentes dotados de capacidade cognoscitiva no decorrer da interação” (2019, p. 18). Por esta interação de expansão, diferenciação e segmentação na malha urbana, no contexto do “espaço metropolitano contemporâneo” (HAESBAERT, 2017, p. 77), estariam “mecanismos de reprodução de práticas institucionalizadas” (GIDDENS, 2019, p. 16) ou, em outras palavras, estariam os recursos como “veículos através dos quais o poder é exercido, como um elemento rotineiro de exemplificação da conduta na reprodução social” (GIDDENS, 2019, p. 18). Essa característica fluída das relações socioespaciais e das interações sociais, que mobilizam ação e poder, refletem e direcionam a atenção para o conceito de modernidade líquida.

De acordo com o pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2011), as instituições sociais, como a família e o Estado, recebiam da tradição certa rigidez ou solidez que era garantia de um controle nas relações sociais. Prevalencia o jogo da dominação entre o maior e o menor e o princípio da conformação dos indivíduos às regras de vida como um caminho para a pertença às classes, dentro de um constante processo de “reacomodação”, bem como, num nível comunitário, a promoção da unidade, uniformidade e conformidade. O jogo da dominação na modernidade líquida é entre o mais rápido e o mais lento (BAUMAN, 2011). Por essa “fluidez do mundo habitado e a flexibilidade dos habitantes”, o controle na modernidade líquida tende a ocorrer de modo remoto, nas palavras de BAUMAN:

O poder pode se mover com a velocidade do sinal eletrônico – e assim o tempo requerido para o movimento de seus ingredientes essenciais se reduziu à instantaneidade. Em termos práticos, o poder se tornou extraterritorial, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço (o advento do telefone celular serve bem como “golpe de misericórdia” simbólico na dependência em relação ao espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que uma ordem seja dada e cumprida. Não importa mais onde está quem dá a ordem – a diferença entre “próximo” e “distante”, entre o espaço selvagem e o civilizado e ordenado, está a ponto de desaparecer) (2011, p. 11-12).

Pela estrutura física manifesta-se um discurso remotamente articulado, circulando através de uma mediação técnica que acelera o tempo, de modo que corresponda a um ritmo que se enquadra dentro das características da modernidade líquida. A forma fluída da organização eclesial permite uma atuação em rede quanto à interação social e, considerando a prática do evangelismo nas igrejas pentecostais, perfaz-se como uma rede social (de poder) que se torna simbólica na

medida em que é uma “significação social” (HAESBAERT, 2017, p. 83) e ao dilatar pastoralmente uma mensagem espiritual. Eller, refletindo sobre o ressurgimento do fundamentalismo no século XX, destaca que uma vez que “pregadores e congregados falavam a mesma linguagem fundamentalista, a Igreja não precisava estabelecer uma estrutura centralizada rígida” (2018, p. 447). Com isso foram desenvolvidas, de acordo com Eller, no âmbito das denominações religiosas, “redes pastorais frouxas e fragmentárias” (2018, p. 447). E ele conclui que “o resultado foi contrário ao estereótipo do fundamentalismo: heterogeneidade e não homogeneidade, hibridade e não pureza, fluidez e não fixidez caracterizaram o movimento em todos os níveis” (ELLER, 2018, p. 447). Nesse sentido se fala uma “modernidade religiosa, considerando que existem “afinidades eletivas entre as novas igrejas com a modernidade líquida” (ALVES, 2021, p.111). À fixidez dos templos e da doutrina teológica num caráter institucional é somada a uma fluidez caracterizada pelo acolhimento dos valores e interesses e que se manifesta a partir de uma aproximação cultural.

Figura 14 - Panfleto distribuído e colocado nas caixas de correios das residências dos moradores do bairro Zumbi dos Palmares em Manaus-AM

IGREJA APOSTÓLICA
ESPÍRITO E VIDA
TEMPLO DOS MILAGRES
Entre e assista nossas Reuniões

programação semanal **PASTOR ROBSON E MISSIONÁRIA SÍLVIA**

SEGUNDA-FEIRA CRESCIMENTO FINANCEIRO ÀS 07:00, 15:00 e 19:00 <i>"O SENHOR, conservado em perfilho por aquilo cujo propósito é firme, porque ele confia em si. Confiar no SENHOR multiplicamente, porque o SENHOR Deus é sobre todos os deuses."</i>	TERÇA-FEIRA SOCORRO URGENTE ÀS 07:00, 15:00 e 19:00 <i>"O nosso socorro vem do SENHOR Deus, que faz o céu e a terra."</i>	QUARTA-FEIRA FORTELECIMENTO ESPIRITUAL ÀS 07:00, 15:00 e 19:00 <i>"Reposará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR."</i>
QUINTA-FEIRA Clamor pela Família ÀS 07:00, 15:00 e 19:00 <i>"...ensinar a cultivar os seus deveres religiosos, cuidando da sua própria família..."</i>	SEXTA-FEIRA LIBERAÇÃO TOTAL ÀS 07:00, 15:00 e 19:00 ESPECIALMENTE AO MEIO-DIA	DOMINGO DO ESPÍRITO SANTO <i>"...mas receberéis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo..."</i> ÀS 07:00, 15:00 e 18:00 ESPECIALMENTE ÀS 05:30

Alameda Cosme Ferreira, 6504 - Zumbi
 próximo a Madeireira D' Marques - Manaus - Amazonas

Fonte: Gomes, 2019.

Diferentes métodos de evangelismo fundamentados em eixos fixos, que podem ser o templo, o livro sagrado ou a teologia pentecostal, são desenvolvidos

em diferentes temporalidades. Se outrora havia evangelização por mala direta e por gravações encaminhadas via telefone fixo ao público-alvo (STETZER, 2015), as pregações e cultos on-line se multiplicam atualmente por meio de uma mobilização nas redes sociais, ao modo de ministério virtual, havendo também programas veiculados em emissoras de rádio e televisão, bem como a entrega de material impresso nas casas dos moradores ou deixado nos locais destinados às correspondências. A figura 15 é um exemplo de um recurso num tipo de método de evangelismo observado no bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus. A Igreja Apostólica Templo dos Milagres estava em 2019 situada na Alameda Cosme Ferreira, no bairro Zumbi dos Palmares, ao lado de um templo da Igreja Internacional da Graça de Deus, sendo que o folheto que está na figura 14 foi deixado numa caixa de correios de uma residência situada à rua Manduri (antiga rua Chico Mendes), que compreende uma distância aproximada de 1,3 km da sede da igreja. Mas a estratégia de expansão no crescimento denominacional, de acordo com o conteúdo que está no folheto, sugere não se tratar apenas de um alcance espacial, mas de um público-alvo, ao nível pessoal e familiar, com foco na espiritualidade individual e familiar e nas dificuldades financeiras, com certa ênfase na urgência e emergência de prestar um socorro.

A expansão das igrejas pentecostais e formação de novos territórios (reterritorialização, de acordo com HAESBAERT, 1997), trazendo seus elementos culturais e materializando na paisagem, exigiu forte resistência e dinamismo, quando se é considerada a forte influência do catolicismo atuante no início do processo de ocupação, sendo liderado por congregações religiosas e por moradores católicos do bairro Zumbi dos Palmares em Manaus, tendo se consolidado ao longo do tempo em sete comunidades católicas estrategicamente distribuídas e atuando numa rede de comunidade denominada Área Missionária Santos Mártires, ligada à Arquidiocese de Manaus. O dinamismo pastoral desenvolvido pelas igrejas pentecostais no sentido de garantir sua identidade e sua estabilidade eclesial e também seu crescimento configura-se como resistência ao catolicismo, contudo numa tensão envolvendo continuidade e ruptura teológica, bem como a busca por um equilíbrio dos eixos fixo e móvel, de acordo com Alves considerando que:

É justamente dentro dessa população, na qual há um sistema diferente de compreensão (tradução) do cristianismo oficial romano, que o pentecostalismo floresce. A questão a ser observada é o equilíbrio que

parece ter havido entre os dois eixos: o fixo e o móvel. Com o passar dos anos (110 anos), percebe-se que em muitas questões, o pentecostalismo começa a abrir mão de um dos dois eixos. Ao que parece, por exemplo, o pentecostalismo abriu mão do eixo fixo – mais considerado teologicamente – e apegou-se o eixo móvel, que gera uma assimilação cultural sem muito (ou nenhum) filtro, minimizando, assim, a importância de uma teologia bíblica exegética ancorada nas Escrituras, e não na experiência, produzindo a cada dia, modelos conforme pede o “mercado consumidor religioso”. Por outro lado, também se percebe que há um movimento contrário, em que o apego ao eixo fixo produz uma rejeição ao eixo móvel (2021, p. 138-139).

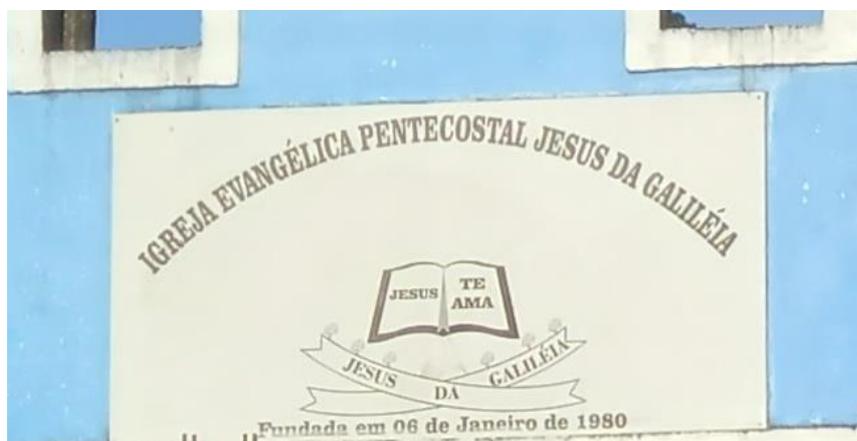
A comunicação da fé e expansão das igrejas pentecostais articuladas a partir do equilíbrio do eixo (fixo) teológico e do eixo (móvel) da aproximação aos processos culturais, ganha força com o oferecimento de consultorias, compartilhamento de recursos, treinamentos e outros tipos de suporte viabilizando a midiática digital da religião. Empresas como, por exemplo, a Rede Inspire (www.redeinspire.com/a-rede) trabalham exatamente com suporte para a comunicação da fé. Em resumo, as práticas pastorais pentecostais são potencializadas e difundidas quer por uma articulação comunitária na rede e com a mídia (estratégia de comunicação midiática, usando a mídia para fins de evangelismo), quer por uma dinâmica em rede gerando mudanças estruturais no cenário religioso institucional, pessoal e comunitário (NASCIMENTO DA SILVA; COSTA, 2021).

III OS PROCESSOS SOCIOESPACIAIS E A TERRITORIALIDADE RELIGIOSA DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NO BAIRRO ZUMBI DOS PALMARES: UMA ANÁLISE ESTRUTURAL NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

1 O sistema territorial religioso compreendido a partir da espacialidade dos templos e da paisagem religiosa das igrejas evangélicas pentecostais

A natureza política dos templos religiosos pentecostais é muitas vezes verificável pelas datas de fundação impressas nas placas ou na parte frontal do imóvel, representando certa identidade histórica ao relacionar espacialidade e temporalidade, de certo modo “congelam idéias e valores no espaço” (CORREA, 2018, p. 231). Na fachada do templo da Igreja Evangélica Pentecostal Jesus da Galiléia (Figuras 15 e 16), situado à rua Nestor Paes, número 17, Barro Zumbi dos Palmares, em Manaus, há uma referência à fundação da igreja. Importante ressaltar que o ano de 1980, citado na placa, corresponde ao momento em que ocorria a ocupação, com a chegada de muitas famílias para morar nas imediações. Importante no processo de ocupação foi a liderança da Irmã Helena Augusta Walcott, líder do Movimento dos Sem Teto por três décadas. Ela ajudou a “conquistar moradia para cerca de 500 mil pessoas na periferia da cidade durante as décadas de 70, 80 e 90”, estando “à frente da ocupação de mais de 15 bairros na cidade nas zonas norte e leste” (BENTES, 2022), entre eles o bairro Zumbi dos Palmares.

Figura 15 - Detalhe sobre a data de fundação da Igreja Evangélica Pentecostal Jesus da Galiléia



Fonte: Gomes, 2022

Figura 16 - Templo religioso da Igreja Evangélica Pentecostal Jesus da Galiléia, com informações sobre a data de fundação: 06 de janeiro de 1980



Fonte: Gomes, 2022

Figura 17 - Detalhe da fachada de uma igreja no bairro Zumbi dos Palmares, com destaque para a data da fundação, local e nome do fundador.



Fonte: Gomes, 2022

Fato é que outros templos religiosos de outras denominações religiosas no bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus, também apresentam semelhante referência inscrita em placas quanto à fundação da igreja, citando, em alguns casos, o local onde se deu a fundação e o nome dos fundadores, conforme mostra a figura 18. De acordo com Corrêa, “um prédio pode torna-se um meio útil para uma política de significados” (2007, p. 13). Percebe-se a atuação de uma política cultural pela articulação de linguagem, poder e território (CORRÊA, 2018). O processo de constituição de uma ambiente de controle por meio dessa articulação possibilita a concentração de maior influência, sendo um apelo a crer na sua força histórica e por vezes com origens espaciais de renome, de modo a reforçar a estratégia no âmbito proselitista. Ao desenvolver e implementar uma maior confiabilidade histórica dentro do processo de institucionalização, as igrejas pentecostais realizam a transformação do espaço, nas palavras de Paul Claval:

O espaço transformado em território oferece aos grupos uma base e uma estabilidade que eles não teriam sem isso. Faz nascer um sentimento de segurança. As paisagens que os caracteriza, os monumentos que nele se encontram tornam sensível a história coletiva e reforçam a sua força. O território constitui um dos componentes essenciais das identidades (2009, p.33),

Por entre os templos evangélicos pentecostais desdobra-se na vida cotidiana dos adeptos do pentecostalismo aquilo que Corrêa chama de espaço vivido enquanto “campo de representações simbólicas” (2001, p. 32), constituindo-se como tecido social capaz de transformar o espaço em território. Importante ressaltar que nesse processo de transformação, que sugere segurança para o sujeito coletivo em questão, também ocorre que “na busca de poder, na tentativa de controlarem espaços e pessoas, as igrejas pentecostais se organizam espalhando templos pelo território, criando seus próprios territórios” (OLIVEIRA, 2012, p. 151). Essa espacialidade ocorre onde há maior precariedade social, de modo que os espaços de controle vão tendo sua atuação indicada por mecanismos diversos, quer para atenuar ou mesmo superar a situação de sofrimentos dos adeptos, quer para fortalecer territorialmente a denominação pentecostal nos espaços de segregação socioespacial.

Figura 18 - Placa indicativa do Templo da Igreja Pentecostal Deus é Fiel. Ocupação em via pública



Fonte: Gomes, 2019

A figura 18 resultou de um registro fotográfico, onde se vê uma ocupação na pista de rolamento, na rua Padre Marcelino Champagnat, em frente a uma casa de formação religiosa da Igreja Católica pertencente aos padres salesianos, tendo do outro lado o “campo de futebol coração do Zumbi”. Logo na entrada é possível ver a indicação de que ali se reúnem adeptos de uma igreja pentecostal. Trata-se de um espaço controlado por lideranças locais, tendo uma espiritualidade assinalada pela identificação visual que parece fortalecer a resistência e a identidade dos moradores num espaço de forte expressão do catolicismo, expresso quer pela presença de comunidades religiosas (irmãs carmelitas e padres salesianos), quer pela proximidade do templo da comunidade católica Nossa Senhora da Luz, que fica situada na mesma rua.

Considerando que “o urbano é preche de realizações desenvolvidas no cotidiano” (LIMA, 2008, p. 108), o espaço vivido no contexto urbano compreende decisões políticas no âmbito religioso pentecostal no sentido de viabilizar estratégias de expansão, o que permite observar o embate de disputas territoriais quanto aos conflitos de interesses entre denominações visibilizado na proximidade dos templos religiosos (Figura 20). Para Corsino, “geralmente, tudo o que o pentecostalismo faz tem como justificativa a conversão de pessoas, a consolidação das mesmas e a viabilização de seus projetos” (2010, p.71). Pode acontecer, portanto, que, no

interior dessas estratégias de organização, uma denominação pentecostal adquira o templo de outra igreja, preservando inclusive as cores e a estrutura física de outra marca simbólica no espaço. Ocorre em parte o que Corrêa chama de “refuncionalização simbólica”, (2007, p. 13), e fala-se em parte, porque pode haver somente uma modelação parcial.

Figura 19 - Templos religiosos evangélicos lado a lado: Assembleia de Deus do Belém no Amazonas e Igreja Assembléia de Deus no Amazonas



Fonte: Gomes, 2022

Figura 20 - Detalhe da proximidade dos Templos religiosos evangélicos da igreja Assembleia de Deus do Belém no Amazonas e da Igreja Assembléia de Deus no Amazonas



Fonte: Gomes, 2022

A figura 19 mostra os dois templos localizados numa vertente que, numa direção, dá acesso ao platô na Alameda Cosme Ferreira, uma via principal com forte comércio e feiras livres, que conecta o bairro Zumbi ao Bairro São José, e na outra direção desce ao fundo de vale, onde há um intenso fluxo de veículos e uma movimentação comercial de pequenos empreendimentos com serviços diversos. A figura 20 destaca o simbolismo de uma sobreposição de atuação espacial das igrejas, visibilizado nos templos dispostos lado a lado, separados pelos ciclos de reprodução pentecostal diferentes, porque desenvolvidos dentro das estratégias de crescimento de cada denominação.

O espaço urbano transformado em território, marcado simbolicamente pela presença pentecostal ao modo de configuração territorial sistematizado de acordo com projetos eclesiais de consolidação e expansão (visando a adesão de novos adeptos), é, por isso mesmo, controlado a partir das relações de poder, podendo reproduzir espacialmente os templos pentecostais e por eles um domínio na vida cotidiana (espaço vivido), De acordo com Correa, as formas simbólicas podem:

ser objetos de política, e isso se expressa, muito mais do que intenções, em uma polivocalidade estabelecida pelas contradições e pelos conflitos de interesses em uma sociedade que se caracteriza por profundas desigualdades sociais (2018, p. 227).

As lideranças evangélicas do ramo pentecostal em suas disputas, com os seus interesses em conflitos, conferem um significado ao templo pentecostal, ao mesmo tempo em que exercem autoridade, através de orientações religiosas, sobre a vida espiritual dos fiéis, influenciando quanto à uma reprodução socioespacial de comportamentos podendo ter certo impacto na estrutura espacial. No campo político, é possível observar essa influência, segundo Corsino:

Difícilmente alguém vai contra as decisões do pastor. As votações que fazem nas reuniões, com a participação da membresia da igreja, são apenas um momento onde todos consagram as decisões da liderança, através do gesto de levantar uma das mãos e dizer sim. Por força do constrangimento, aquele que não levantar a mão em sinal de apoio ao líder, é repreendido por olhares e pode ser tachado de rebelde (2010, p. 77).

De acordo com Corsino, muitos líderes pentecostais partidaristas, especialmente da Igreja Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) apóiam quem estiver no poder e, ao centralizar neles superpoderes, considerando que para os fiéis o seu líder é alguém escolhido por Deus, não é conferida prioridade à participação livre e efetiva dos membros nas decisões importantes no contexto de

um engajamento político. Em resumo, a busca por legitimação política no espaço sagrado de muitas denominações pentecostais insere-se na dinâmica do sistema territorial religioso, alinhando-se a outros projetos pentecostais ligados ao evangelismo e desenvolvidos de modo a estruturar uma territorialidade religiosa pentecostal.

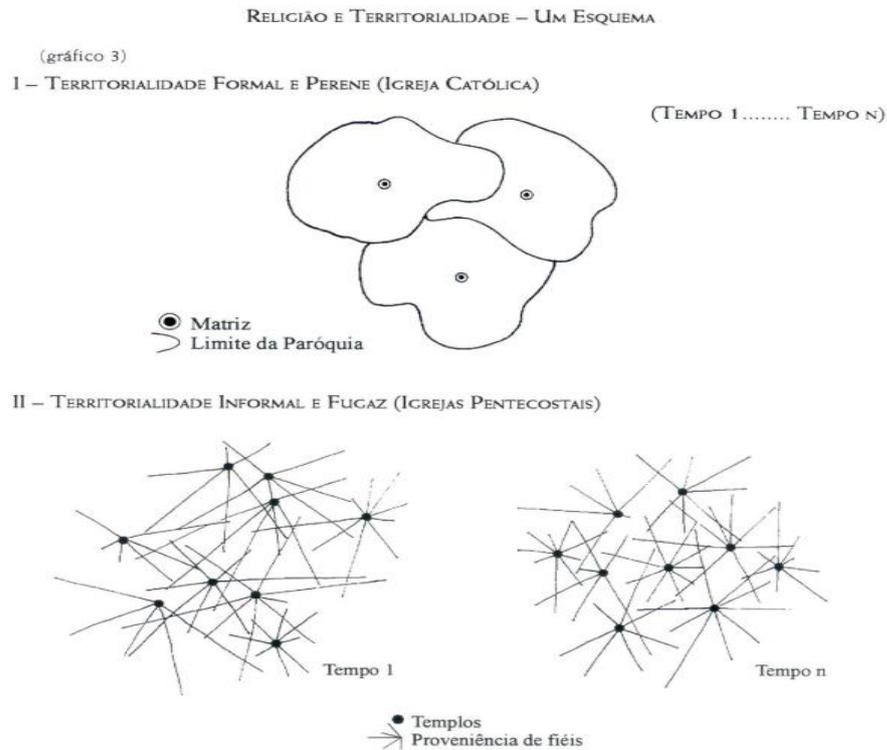
Objetivando ampliar a compreensão sobre a espacialidade dos templos no sentido de tematizar a territorialidade religiosa, serão apresentadas neste estudo algumas fotografias e mapas contando com a contribuição de aportes teóricos no âmbito da ciência geográfica.

2 Leituras cartográficas das igrejas evangélicas pentecostais com maior número de templos e maior presença no bairro Zumbi do Palmares, em Manaus- AM

Práticas sociais feitas de encontros que vão se ajustando e sendo planejados e, por que não dizer, estruturados, de modo que tornam-se aquelas sustentadas quando localizadas, expressam uma cotidianidade feita de co-presença (GIDDENS, 2009) De acordo com GIDDENS, “a rotinização de encontros é de grande significação na medida em que vincula o encontro fugaz à reprodução social e, assim, à fixidez aparente das instituições” (2009, p. 84).

Na figura 21, o esquema elaborado por Machado (1994) apresenta lógicas diferentes de territorialidades ao fazer uma contraposição da igreja católica com as igrejas pentecostais, sendo atuações espaciais diferentes: com uma territorialidade católica mais fixa e centralizadora e com limites bem definidos; enquanto a territorialidade pentecostal é “marcada pela descentralização de decisões e por uma informalidade que facilita de maneira considerável a difusão desta crença no espaço” (MACHADO, 1997, p. 47). Tendo como base a transitoriedade e a mobilidade para estruturar sua lógica territorial, ocorre que, segundo Machado (1997), a partir dessa estratégia da forma espacial de controle social, são delimitados uma nova área geográfica de atuação e um novo território, por vezes sujeitos a superposições.

Figura 21 - Religião e territorialidade - Modelos de ocupação espacial



Fonte: MACHADO, 1994

O templo religioso, vinculado a uma instituição pentecostal, pode ser considerado como fixidez aparente, posto que simbolicamente se desloca por estratégias elaboradas no interior da denominação para alcançar fiéis. Um exemplo que pode ser apresentado é a Estratégia de Conquista Oikos e que consiste, de acordo com a Igreja Pentecostal Assembleia de Deus no Amazonas, em promover um esforço evangelístico para que cada discípulo, juntamente com sua célula, alcance as pessoas do seu relacionamento.

Após a estratégia da conquista, começa o processo de consolidação, no sentido de fazer controle e acompanhamento dos novos membros (IEADAM, 2022). Nesse sentido, Rosendahl (2002, p. 59) destaca que “é nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus”. Os territórios a serem alcançados ou conquistados por uma denominação religiosa do ramo pentecostal são considerados a partir da sua base estrutural, a saber, na vida cotidiana, nas pequenas atividades e no que aparentemente não conta ou é visto como informalidade.

A posicionalidade dos atores e das estruturas conectados às práticas socioespaciais torna-se imagem na cartografia. E “imagem é um instrumento de pesquisa” (RAFFESTIN, 2010, p. 22). A representação socorre a realidade material quando há necessidade de conservação e restauração; e no caso de destruição, a realidade material faz-se imagem psíquica e memória pela representação. A representação cartográfica ajudará na leitura e compreensão da territorialidade religiosa, permitindo também um contato com os territórios descontínuos ou territórios-rede e territórios imateriais (HAESBAERT, 2004). O mapa a ser lido traz a espacialidade dos templos evangélicos e nele será feita uma breve análise no sentido de correlacionar fenômenos religiosos e compreender a estruturação, posicionamentos e vínculos simbólicos.

2.1 A espacialidade da Igreja Assembleia de Deus no Amazonas no bairro Zumbi dos Palmares: análise do contexto dos processos socioespaciais

A fundação da Assembleia de Deus no Brasil insere-se no que MARIANO (2014) chama de primeira onda do pentecostalismo, também chamado de pentecostalismo clássico, que se desenvolve de 1910 a 1950. A Assembléia de Deus surge no Brasil em 1911 em Belém, no Estado do Pará, depois se difundindo por todo o território Nacional. Os fundadores, Daniel Berg e Gunnar Vingren eram suecos, “foram influenciados pela escola de William H. Durham” (SOARES, 2021, p. 68), vieram de Chicago (EUA) e chegaram ao Brasil em 19 de novembro de 1910 em Belém do Pará. De acordo com Soares (2021), os missionários ficaram por algum tempo morando no porão de uma igreja Batista, mas desse local foram expulsos após 18 crentes batistas apoiarem a mensagem pentecostal dos suecos. No dia 13 de junho de 1911 eles registraram o ocorrido e nos seus diários foi também registrado o primeiro culto numa casa a eles cedida. Nas palavras de Soares:

Por causa do batismo no Espírito Santo os missionários começaram as Assembleias de Deus, então chamada “Missão de Fé Apostólica”, a Igreja foi registrada oficialmente em 4 de janeiro de 1918 com o nome “Assembleia de Deus”, adotado no Concílio Geral em 1914, em Hot Springs, EUA. Não se sabe o que levou Gunnar Vingren a decidir pela mudança para esse nome, visto que a obra no Brasil não tinha vínculo administrativo nem eclesiástico com as igrejas americanas (2021, p. 74).

O Batismo no Espírito Santo, considerado como acesso à vida em Cristo e reconhecido a partir da glossolalia ou o “falar em línguas” desconhecidas ou mesmo

em línguas angélicas (com fundamentação bíblica: Mt 3,11; Mc 1,8; Lc 3,16; Lc 24,49; Jo 1,33; 1Cor 13,1; At 1,5; At 2,4; At 2,6; At 11,16 etc), “tem dupla finalidade: dar maior santidade e força espiritual para anunciar o Evangelho” (LACOSTE, 2004, p. 1390). O Acesso ao batismo no Espírito Santo e aos carismas confere, portanto, ao cristão pentecostal dons e ministérios no contexto de um movimento de santidade, ao modo de “campanhas evangelísticas” (SOARES, 2021) que cresce paralelo aos desdobramentos institucionais estruturantes da territorialidade religiosa pentecostal.

Na década de 1910 aconteceu a primeira onda do pentecostalismo e sua difusão para todo o território nacional (MARIANO, 2014). Desde Belém, no Estado do Pará, a Assembleia de Deus teve, de acordo com Alves, seu crescimento impulsionado pela crise da borracha, de modo que “toda a expansão para outros estados ocorreu após o fim do ciclo da borracha em 1914” (ALVES, 2021, p. 100), levando-se em conta que “a crise da borracha fez com que os imigrantes retornassem ao seu Estado de origem” (ALVES, 2021, p. 73). É nesse contexto que ocorreu a chegada da Assembleia de Deus no Amazonas, de modo que sua consolidação em Manaus ocorreu em 2018. Mas somente em 2020 numa convenção e após conflitos doutrinários, dividindo a igreja e gerando duas denominações: Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas e Igreja Evangélica Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas.

O mapeamento dos templos da IEADAM na figura 22 mostra a estratégia de atuação espacial, com posicionamento de alguns templos na área central do bairro Zumbi dos Palmares, onde há maior adensamento e maior vulnerabilidade dos moradores. É também no coração do bairro Zumbi que é possível “conquistar novos territórios”, conforme os letreiros nos templos dessa denominação religiosa, numa disputa por novas áreas geográficas a serem caracterizadas por sua atuação pentecostal, levando-se em conta que é no encontro das três partes do bairro (Zumbi 1, 2 e 3), ao centro do mapa, onde estão atuando muitas outras igrejas evangélicas. Tal “forma espacial de controle social essencialmente dinâmica, caracterizada pela transitoriedade e efemeridade (MACHADO, 1997, p. 49) é também observada nas ruas de forte mobilidade urbana e de variadas atividades comerciais.

Evangélica Assembleia de Deus em Manaus. Em 2000 aconteceu uma divisão interna por questões doutrinárias, de modo que deu origem a Igreja Pentecostal Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM) e Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas (IEADTAM).

As imagens a seguir (Figuras 23 e 24) mostram as conseqüências por conta do “racha” doutrinal e a especificidade das duas denominações que dessa divergência surgiram. Existe uma proximidade do templo da IEADTAM que ali já estava instalado, que pode ser conferido na figura 24, e o começo da construção de um templo da IEADAM, que em 2019 funcionava num imóvel alugado, apresentado na figura 23. Vale destacar que se trata da mesma arte do mesmo letreiro da placa do templo anteriormente apresentado na figura 9 (página 51).

Figura 23 - Início da construção de uma templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas.



Fonte: Gomes, 2022

Figura 24 - A Igreja Evangélica Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas, ao lado do terreno.



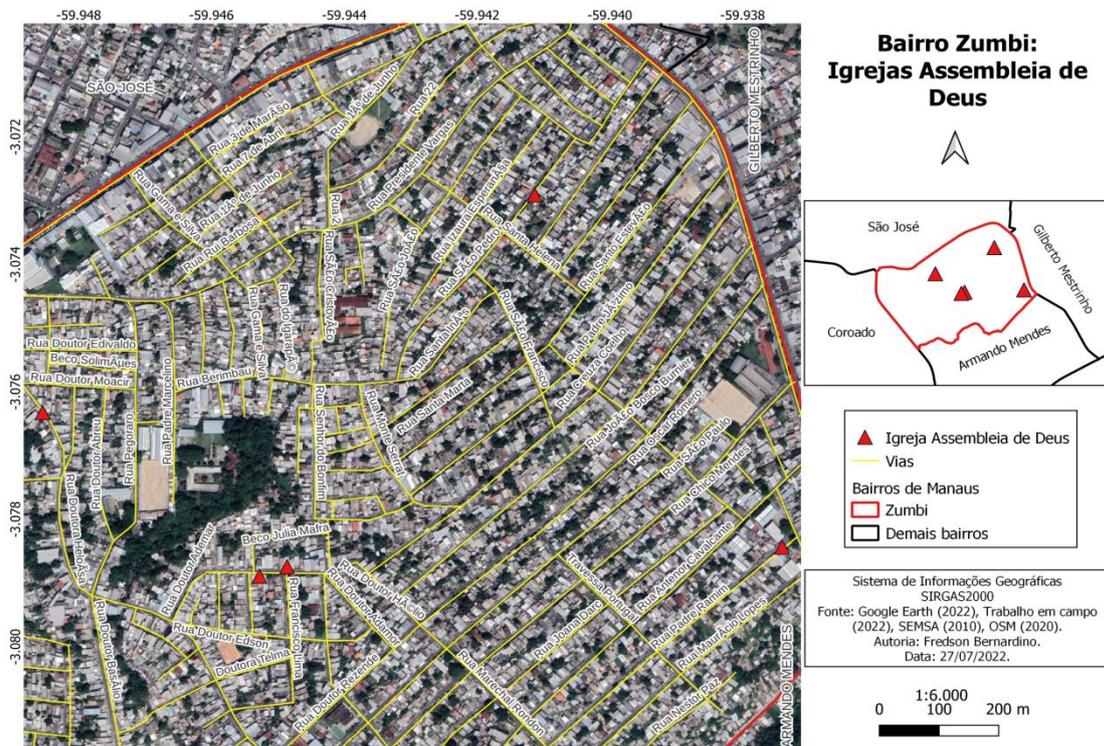
Fonte: Gomes, 2022.

Observando os registros fotográficos nas figuras 23 e 24, verificou-se que com o início da construção do templo da IEADAM ao lado, foi iniciada uma reforma no templo da IEADTAM. Contudo, não é indício para se desconfiar de uma disputa territorial. O que realmente é interessante é o local escolhido pelas denominações antagônicas, porque trata-se da parte central do bairro, chamado por alguns de o coração do Zumbi, caracterizado por um maior adensamento, sendo rota da linha de uma empresa de ônibus coletivo e com amplo espaço que permite melhor visibilidade de um templo religioso.

Caracterizada por uma postura conservadora e tradicional, baseada um modelo bíblico, que a diferencia da Igreja Pentecostal Assembleia de Deus no Amazonas (IEADAM), a Igreja Assembleia de Deus Tradicional do Amazonas (IEADTAM) tornou-se no dia 14 de outubro de 2000, de modo oficial e jurídico, a Convenção Estadual da Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas (CEADTAM), órgão responsável pelas igrejas Assembleias de Deus no Estado do Amazonas

(NASCIMENTO, 2020). O termo “Tradicional” apresenta um aspecto simbólico servindo para diferenciar da IEADAM, também ajudar a manter sua identidade, bem como é expressão do seu poder simbólico.

Figura 25 - mapeamento dos templos evangélicos da IEADTAM



Fonte: Mapa do bairro Zumbi dos Palmares com destaque aos templos da IEADTAM. Elaboração: Fredson Bernardino, 2022.

O mapa apresentado na figura 25 mostra a espacialidade dos templos da IEADTAM no bairro Zumbi dos Palmares. São poucos templos e sem muitos métodos de evangelismo. A vinculação com templos maiores fortalece a atuação missional no bairro, no sentido de fornecer subsídios doutrinários e formação e melhoras a estratégia de atuação na área geográfica. Um dos destaques nas iniciativas missionais é a cruzada evangelística que contribui para que mais almas sejam evangelizadas, quando “em algumas igrejas costuma-se convidar pastores de grande renome no universo pentecostal e com isso a aglomeração de pessoas é maior” (NASCIMENTO, 2021, p. 55). Para esse evento é planejado todo um conjunto de ações nos níveis pessoal e coletivo.

2.3 A expansão espacial da igreja e territorialidade religiosa da Igreja Deus é Amor: análise do contexto dos processos socioespaciais

A Igreja Pentecostal Deus é Amor é uma igreja essencialmente brasileira, tendo sido fundada por David Martins Miranda em São Paulo, a mandado de Deus. Segundo SOARES, “trata-se da mais rigorosa de todas as igrejas pentecostais no que diz respeito aos costumes e ao estilo de vida de seus membros” (2021, p. 123). MARIANO também reforça essa observação quanto a rigidez em relação ao comportamento dos fiéis, de modo que a Igreja Pentecostal Deus é Amor, segundo ele:

Procura regular e normatizar tudo que diga respeito à aparência, aos costumes, hábitos e à vida vítima dos fiéis. Eles são muito pobres e pouco alfabetizados, mais do que a média das outras igrejas pentecostais. E talvez, por isso mesmo, isto é, por estarem submetidos a condições de vida que lhes infligem um sem-número de privações e sofrimentos, mostram-se bem dispostos a encarar provações, sacrifícios e práticas ascéticas impostas pela igreja, enquanto esperam ansiosos as delícias do Paraíso prometido (MARIANO, 2014, p. 196).

Prevalece a disciplina que regula a conduta dos homens e das mulheres. Aos membros são orientados estudos no âmbito eclesial, no sentido de internamente viverem com zelo a fé que professam. Soma-se à formação sobre os regulamentos internos a Escola Dominical como curso destinado ao treinamento para obreiros.

Quando a Comunidade se reúne, “os cultos são pentecostais, com batismos no Espírito Santo, glossolalia, revelações, profecias, curas divinas, visões e arrebatamentos dos sentidos” (SOARES, 2021, p.124). A participação dos fiéis não exige sólido comprometimento e a doutrina da IPDA é basicamente a mesma dos pentecostais.

Figura 26 - Templo da Igreja Pentecostal Deus é Amor situado à rua Bom Jesus

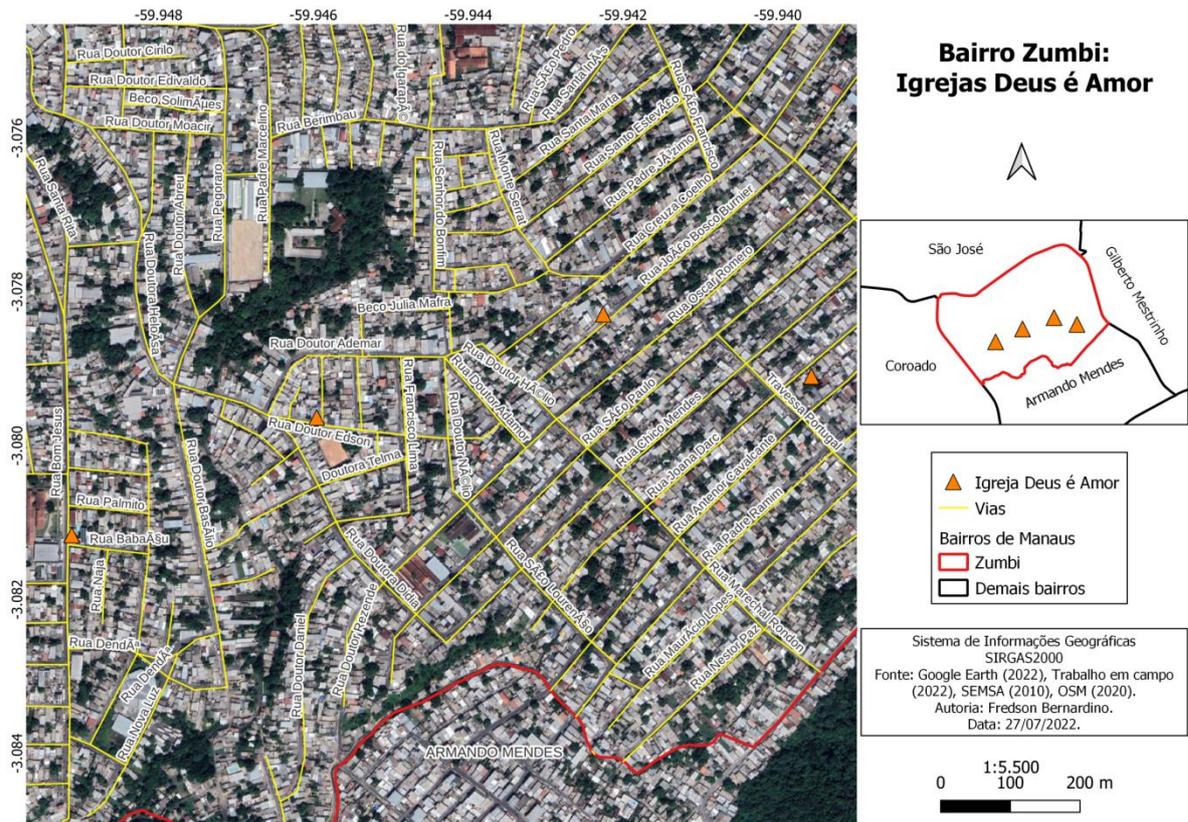


Fonte: Gomes, 2022

A Igreja Pentecostal Deus é Amor no bairro Zumbi dos Palmares está presente com seus templos religiosos quer nas ruas mais movimentadas e

comerciais, de frente a uma escola pública, como a da foto (figura 26), quer em ruas mais estreitas e com pouca movimentação. Pela figura 27, que apresenta o mapeamento dos templos da IPDA, observa-se que não há aparentemente uma preocupação em se posicionar na malha metropolitana e, como a maioria das igrejas pentecostais, que atuam em números menores, tende a se situar no processo social da coesão. Segundo CORRÊA (1989, p. 56), “o processo de coesão pode ser definido como aquele movimento que leva as atividades a se localizarem juntas”. Por mais que a Igreja Deus é Amor seja diferente de outros estabelecimentos, o fato de estarem muito próximos, especialmente agrupadas, tendem a formar um conjunto funcional.

Figura 27 - mapeamento dos templos evangélicos da Igreja Pentecostal Deus é Amor



Fonte: Mapa do bairro Zumbi dos Palmares com destaque aos templos da Igreja Deus é Amor. Elaboração: Fredson Bernardino, 2022.

2.4 A expansão espacial da igreja e territorialidade religiosa da Igreja Pentecostal Unida do Brasil: análise do contexto das práticas socioespaciais

Formada em 1945 pela fusão de igrejas pentecostais, a Igreja Pentecostal Unida do Brasil tem sua origem no evento de Topeka, Kansas, EUA (1901), quando uma escola bíblica fez a experiência do derramamento do Espírito, sendo também fruto do momento pentecostal ocorrido na Rua Azusa Revival em Los Angeles, California, EUA, em 1906. Mas é no ano de 1916 que a sua formação é definida, sendo resultado da união de um grupo pentecostal de ministros que estudavam a unicidade de Deus e batismo nas águas no nome de Jesus Cristo (ipubrs, 2022).

Figura 28 - Mapa de Evangelismo da Igreja Pentecostal Unida do Brasil



Fonte: Gomes, 2022

Fixado num mural que estava disposto logo na entrada da nave central de um templo, um mapa de evangelismo, apresentado na figura 28, define o alcance da missão da Igreja Pentecostal Unida do Brasil. O templo fica localizado na rua João Bosco Bounier, bem próximo da avenida Cosme Ferreira. Com dados de 2017 coletado da plataforma Google, o mapa sugere ser apenas um espelho para aplicar

métodos de alcance, posto que um atributo forte dessa denominação é a missão. O trabalho de evangelismo consiste em alcançar fiéis, havendo uma atenção, como na maioria das outras igrejas pentecostais, em desenvolver atividades pastorais com as senhoras (Figura 29) e com outros grupos, incluindo a formação continuada na escola dominical e os momentos agendados para estudar a doutrina.

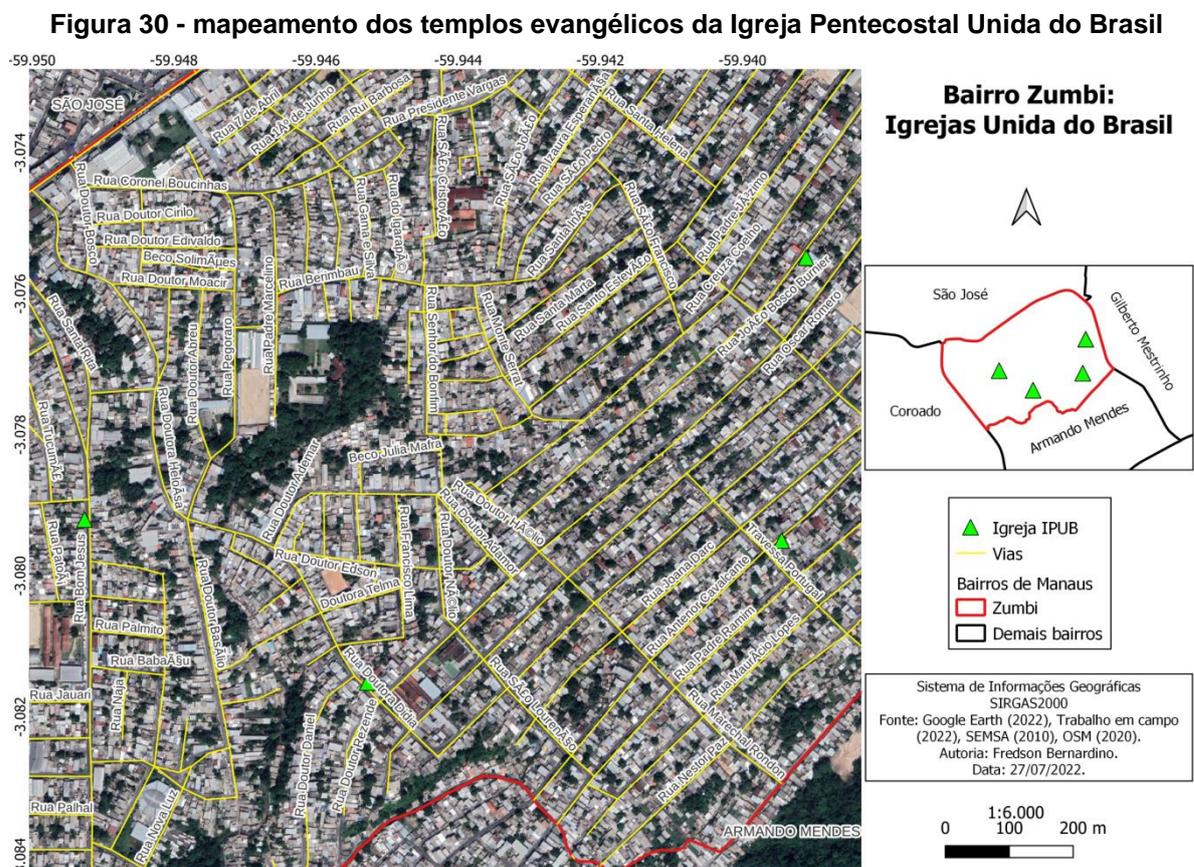
Figura 29 - Grupo de senhoras da Igreja Pentecostal Unida do Brasil



Fonte: Gomes, 2022 (fotografia do mural da igreja)

As atividades desenvolvidas pela igreja reunindo um grupo de senhoras e interagindo com outros grupos, como jovens e casais, está sendo um recurso pastoral que busca cativar familiares e pessoas próximas dos fiéis, de modo que possam participar da vida comunitária. As situações ambíguas da metrópole tendem

a causar medo e insegurança nas famílias, já fragilizadas por um desenraizamento sócio-cultural e pela dispersão social, portanto “o novo ambiente urbano acaba por solicitar cada vez mais a intervenção de poderes sagrados nos dilemas dos grandes problemas que assolam a vida as grandes cidades” (ALVES, 2021, p. 79). Com esses encontros, contextos e locais passam a ser regularizados (GIDDENS, 2009) a partir da qualidade da comunicação estabelecida nos encontros e no interior da instituição, garantindo estabilidade e controle quanto aos posicionamentos (distanciamento e estreitamento) no espaço-tempo.



Fonte: Mapa do bairro Zumbi dos Palmares com destaque aos templos da Igreja Pentecostal Unida do Brasil. Elaboração: Fredson Bernardino, 2022.

Os templos da IPUB sinalizados na cor verde no mapa da figura 30, sugerem uma simetria no formato de arco quanto a sua espacialidade no bairro Zumbi dos Palmares, predominantemente nas vertentes e com considerável fluxo de veículos, incluindo o transporte público (nas rua Bom Jesus e Dr. Didia).

Figura 31 – Templo da IPUB



Fonte: Gomes, 2022

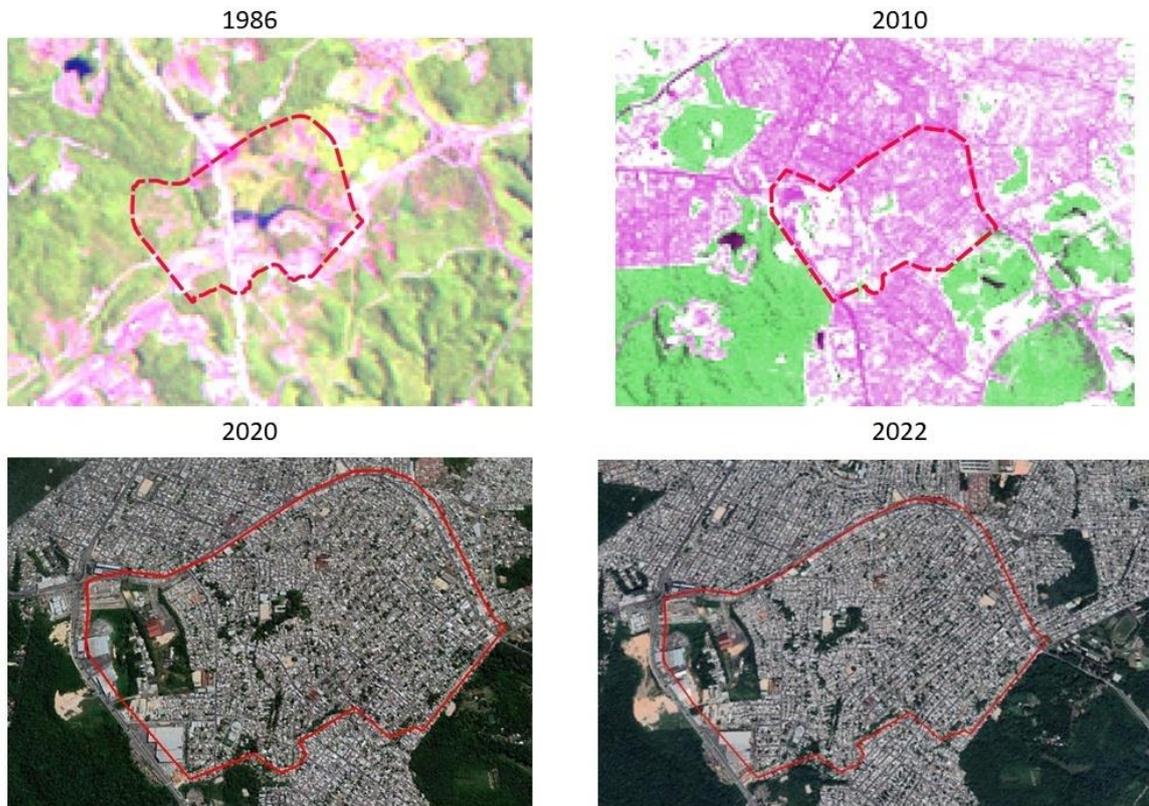
Na figura 31 é destacado um dos templos da IPUB no bairro Zumbi dos Palmares. Fica situado à Dr Didia, a menos de 400 metros de um tempo da IEADAM, nas proximidades de uma escola pública estadual e de uma Unidade Básica de Saúde, numa localização mais acima da vertente e que permite atuar em várias direções e com diferentes públicos-alvo: juventude, comerciantes, feirantes e pessoas que ali trafegam em transporte público. Templos de outras denominações religiosas (Mórmons, Adventistas, católicos, IEADAM e IEADTAM) disputam o espaço de atuação, por haver a possibilidade de uma melhor fluidez e o alcance de variados grupos sociais para integrá-los à sua territorialidade religiosa.

3 Análise territorial das igrejas evangélicas pentecostais, periodizada entre os anos 2019 a 2021, na perspectiva de uma racionalidade política

Importante situar inicialmente a própria difusão do pentecostalismo pelo mundo, a partir uma compreensão mais geral (Figura 24), a começar pelos seus principais líderes: Charles Fox Parham, William Joseph Seymour e William Howard Durham. Os chamados eventos de Topeka, no Kansas, EUA, marcaram o início do pentecostalismo moderno (1º de janeiro de 1901), caracterizados pela experiência espiritual que os alunos de Parham tiveram ao receberem o batismo no Espírito Santo e falarem em línguas. Já o movimento de Azusa, em Los Angeles, EUA, foi liderado pelo discípulo de Parham, William Joseph Seymour e assim ficou conhecido pelo derramamento do Espírito (avivamento). A influência de Durham foi quanto à difusão do avivamento pentecostal, sendo que a igreja por ele liderada se tornou um centro de irradiação do pentecostalismo (SOARES, 2021).

Olhando o gráfico 2, na página 83, observa-se o desenvolvimento do pentecostalismo clássico, que no Brasil, segundo Mariano (2014), nunca foi homogêneo, porque desde o início conteve diferenças internas, tem sua difusão marcada pelos eventos de Topeka e Azusa e pelas características da sociedade brasileira entre 1910 a 1950, tendo de lidar historicamente com diferentes perfis sociais. No início era a Assembleia de Deus, identificada de outras formas até 1911, caracterizada por um ferrenho anticatolicismo, ao mesmo tempo em que era perseguida pela Igreja católica e discriminada pelos Protestantes Históricos. O evangelismo de massa centrado na mensagem de cura e posteriormente com métodos inovadores através dos meios de comunicação de massa, surge na década de 1950, chamado por Mariano de segunda onda de implantação de igrejas. No começo era dada ênfase ao dom de línguas, como também se reforçava a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca, havendo também certa aversão ao que era considerado mundano ou secular. De acordo com Mariano (2014, p. 31): “A ênfase teológica no dom de cura divina, a partir dos anos 50, foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro”. O exitoso evangelismo atraía pessoas vindas das camadas pobres e pouco escolarizadas, sendo que mais recentemente, embora mantendo contato com esse público-alvo, também recebem adesão de setores da classe média, profissionais liberais e empresários (MARIANO, 2014).

Figura 32 - mapa com dados de satélite, recorte 2019 a 2021



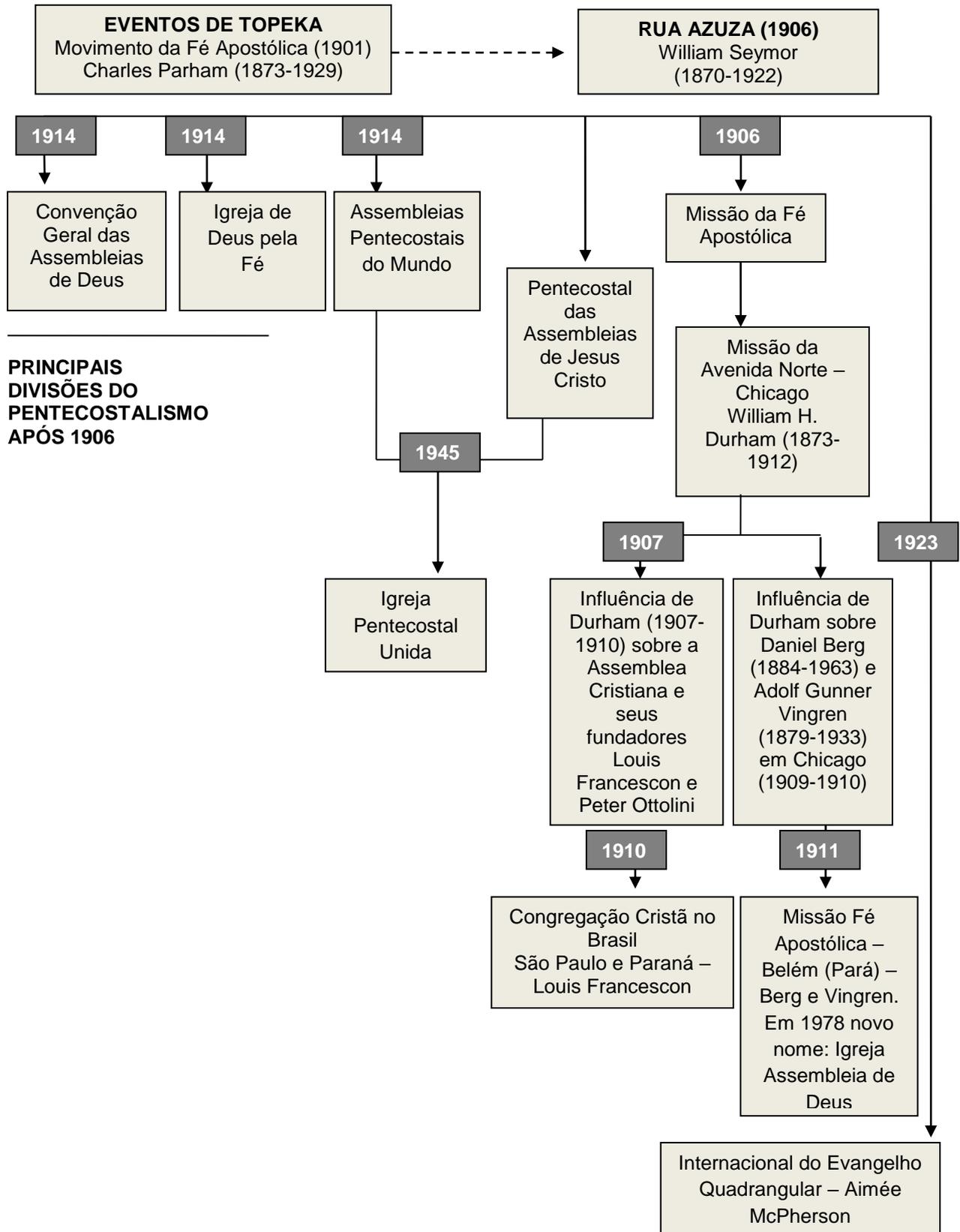
Fonte: Org. Carlos Rafael

Na figura 32 que apresenta imagens de satélites dos anos 1986, 2010, 2020 e 2022. Na composição colorida feita a partir da imagem do Landsat 5, com a captura do ano de 1986, o roso indica o espaço urbanizado. No outro mosaico , foi utilizado a imagem do Landsat 5 do ano de 2010, também com uma composição colorida. No mosaico do ano de 2020 foi usado a imagem do Google Satélite fornecida no Qgis. E no mosaico do ano de 2022, foi usado a imagem do satélite Landsat 7, com composição colorida. Observa-se que processo de ocupação foi se intensificando sobretudo no fundo de vale, na parte inferior do mapa, no limites com o bairro Armando Mendes e nas imediações da avenida Cosme Ferreira, na parte superior do mapa, num adensamento urbano que reflete a busca por áreas que permitam acessar o comercio e maior mobilidade no sentido de chegar aos postos de trabalho. Ruas como a Bom Jesus, na qual atuam várias igrejas pentecostais, tiveram significativo adensamento. Ao comparar essas composições feitas a partir de imagens de satélite com os mapas anteriores das espacialidades dos templos em maior número no bairro Zumbi dos Palmares, nota-se que a expansão do

pentecostalismo e sua rede territorial segue o ritmo do processo de ocupação no bairro, havendo ajustes para disputar espaços e fiéis diante das transformações urbanas verificadas nas imagens.

Gráfico 2 - Gráfico mostrando a expansão do movimento pentecostal ao longo da história

EXPLOSÃO PENTECOSTAL



Fonte: Adaptação da Revista USP 67. São Paulo, 2005, p. 114. Apud SOARES, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pergunta norteadora foi apresentada na introdução da presente pesquisa: existe uma relação da funcionalidade dos lugares de culto pentecostal com as relações sociais? Por essa relação ocorrem (possíveis) manobras de controle na religião cristã pentecostal visando sua expansão. De modo que práticas socioespaciais pentecostais, realizadoras de apropriações espaciais, no bairro Zumbi dos Palmares, em Manaus, estão estruturadas a partir de uma racionalidade política (poder), sendo reproduções oriundas das matrizes ideológicas de poder religioso. Para RAFFESTIN “o verdadeiro poder se desloca para aquilo que é invisível em grande parte, quer se trate de informação política, econômica, social ou cultural” (1993, p. 203), sendo que nesta pesquisa, ao falar em “possibilidade”, leve-se em conta que se está trabalhando com uma realidade (poder) com capacidade de se dissimular, de modo que “deixa-se ver todos os fenômenos particulares e confusos e esconde-se o essencial que se torna organizado” (RAFFESTIN, 1993, p. 203). Por esse motivo, houve o esforço para identificar a atuação de uma rede simbólica pentecostal por dentro das malhas institucionais em sua dinâmica de expansão no tecido urbano, considerando o recorte espacial, a saber, o bairro Zumbi dos Palmares em Manaus e dentro de um recorte temporal (2019-2021), seguindo por uma compreensão estrutural da territorialidade religiosa pentecostal a partir da correlação da materialidade das formas pentecostais (templos) que se submetem à dinâmica social. É nesse sentido que é tematizado o conceito de sistema territorial religioso do ramo pentecostal, a saber, a produção da paisagem religiosa enquanto organização socioespacial, regida pela relação de pertencimento, alinhada à estrutura religiosa das igrejas em sua dinâmica de estratégia de crescimento no interior dos ciclos de reprodução pentecostal. Mais que um conjunto de elementos, o processo de composição da territorialidade religiosa pentecostal se dá na própria dinâmica da rede territorial com a implantação de novos templos e numa estratégia de ação espacial que valoriza a descentralização, a informalidade e a transitoriedade.

Esta pesquisa foi desenvolvida considerando que “as relações entre sistemas religiosos e organização política do espaço constituem uma significativa temática de investigação na geografia das religiões” (ROSENDAHL, 2009, p. 208). Nesse sentido, foi escolhida como objeto de conhecimento a territorialidade religiosa

evangélica no segmento pentecostal. Na sua missão urbana, as igrejas pentecostais tendem a formular estratégias em meio à diversidade e à complexidade da vida metropolitana. Em princípio, são questões missiológicas e teológicas que aparecem e se materializam no âmbito da ação evangelizadora de diferentes denominações evangélicas pentecostais. Mas, por se organizarem politicamente no espaço, dele apropriando-se e estruturando a territorialidade religiosa, tornou-se relevante para o desenvolvimento desta pesquisa no âmbito da ciência geográfica, levando em conta as categorias analíticas de espaço, de paisagem e, especialmente, de território.

No tocante a territorialidade religiosa pentecostal, é um debate que permanece aberto e que requer ulteriores estudos, reflexões e análises numa abordagem geográfica da religião. Mas necessário é, inicialmente, manter o foco na dimensão espacial do sagrado. Nesse sentido, a geografia do sagrado precisa estar “muito mais afeta à rede de relações em torno da experiência do sagrado do que propriamente às molduras perenes de um espaço sagrado coisificado” (ROSENDAHL, 2009, p. 263). Com base nesse critério, são apresentadas na geografia do sagrado as dimensões de análise enquanto correlação que alinha os atores sociais, as redes de relações e a instituição religiosa propriamente dita em sua territorialidade (ROSENDAHL, 2009). Considerando esses pressupostos, o caminho de uma pesquisa e de variadas e diferentes abordagens poderão seguir com certa segurança epistemológica.

Em resumo, esta análise geográfica que buscou estabelecer a relação entre pentecostalismo, território, paisagem, redes geográficas e, sobretudo, territorialidade, que são “conceitos operacionais” que ajudam a compreender o “conceito balizador da geografia”, isto é, o espaço geográfico (SUERTEGARAY, 2009, p. 118), situa-se entre os esforços de trilhar novos caminhos de estudos religiosos-geográficos, oportunizados pela própria ciência geográfica. Foi de interesse para esta pesquisa e se constituiu como relevância social perguntar por que e como o político e o religioso interagem impactando nas dinâmicas das relações socioespaciais. Mas existem outras vias de pesquisa e questionamentos outros, como também há necessidade de mais contribuições nessa frente de investigação. Considerando as “complexas ligações da religião com as outras dimensões da vida nas diferentes sociedades” (ROSENDAHL, 2009, p. 197), surgem

numerosos e novos desafios e são muitos os aspectos que poderão ser de interesse dos geógrafos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. **Censo IBGE 2010 e religião**. Horizonte, Belo Horizonte, vol. 10, n. 28, p. 1122-1129, out./dez. 2012

ALVES, Eduardo Leandro. **A sociedade brasileira e pentecostalismo clássico: razões socioculturais entre a teologia pentecostal e a religiosidade brasileira**. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

BARRO, Jorge Henrique. **Templo Urbano: Lugar e não lugar**. Revista Ultimato, edição 335, Março-abril de 2012. Disponível em >www.ultimato.com.br/revista/artigos/335/templo-urbano-lugar-e-nao-lugar< Acesso em: 20 Nov. 2018.

BENTES, Ariel. A luta da mãe dos sem-teto: irmã Helena. Disponível em: < [A luta da mãe dos sem-teto, irmã Helena - Amazônia Real \(amazoniareal.com.br\)](http://amazoniareal.com.br)< Acesso: 12 set. 2022

BORSANI, María Eugênia; QUINTERO, Pablo (orgs.) **Los desafios decoloniales de nuestros días: pensar em coletivo**. Nequém: EDUCO – Universidad Nacional Del Comahue, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Jovens da Periferia de Manaus aprendem a arte de fabricar instrumentos musicais**. Disponível em: ><http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=6935:sp-1650802090>< Acesso: 04 abr. 2021

CARDONE, Ignacio Javier. **A teoria da estruturação de Giddens e a sua utilidade para as relações institucionais: uma proposta diferencial para a análise sistêmica**. São Paulo, 2017, p. 6 Disponível em: https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498424911_ARQUIVO_CARDONE_GIDDENS_E_RI.pdf Acesso: 09 out. 2021

CARLOS, A. F. A. **A prática espacial urbana como segregação e o "direito à cidade" como horizonte utópico**. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, J. L.; PINTAUDI, S. M. (orgs.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2018.

CASSIRER, E. **Ensaio Sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CAVALCANTI, I. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas: Papirus, 2012. Citado por: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos ET AL. **Movimentos para ensinar Geografia: oscilações**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018.

CERETTA, Pe. Celestino. **História da Igreja na Amazônia Central, V. 1**. Santa Maria / Manaus: Biblos / Valer, 2008.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 3ª Ed. Florianópolis: 2007.

CLAVAL, P. **A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia**. In: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. org. **Elementos de epistemologia da**

Geografia contemporânea. Curitiba: Editora da Universidade F. do Paraná, pp.11-43.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural: o estado da arte.** In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 59-122.

CORRÊA, R. L. **Caminhos paralelos e entrecruzados.** São Paulo: Editora Unesp, 2028.

CORRÊA, R. L. **Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado.** Espaço Aberto. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, p. 37-46, jan/jun, 2014. Disponível em: ><https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2431/2077>< Acesso em: 06 out. 2021.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CORRÊA, R. L. **Formas simbólicas e espaço.** *Aurora – Geography Journal*, v. 1, n. 1, p.7-12, 2007b.

CLAVAL, P. 1999 “**O tema da Região nos Estudos Geográficos**”. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, nº 7 (Jan/Jun): 37-58

CORRÊA, O espaço Urbano. Rio de Janeiro: Ática, 1989

CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia.** Vol. I. Rio de Janeiro, Ed. Uerj, 2012

CORRÊA, R. L. ROSENDAHL, Zeny. Heterogeneidade e transformação espacial no Brasil. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, n. 9-10, p. 1-16, jan-dez, 2000. Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7230 Acesso: 31 maio de 2022.

CORSINO, Celso. **Evangélicos e Política: os limites entre o Sagrado e o Profano.** Bauru: Canal 6, 2010.

D24AM AMAZONAS. **Igrejas em Manaus foram erguidas de maneira irregular.** Disponível em: ><https://d24am.com/noticias/igrejas-em-manaus-foram-erguidas-de-maneira-irregular/>< Acesso: 31 mai. 2022

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ELIADE, M. **Fragments d’un journal**, Paris: Galimard, 19713. Citado por RIES, Julian. O Sagrado na História da Humanidade. Petrópolis: Vozes, 2017.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANGELLI, P. **Estudando um subcampo intelectual acadêmico: a geografia da religião no Brasil – 1989 – 2009**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Geografia, Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, 2010.

GIL FILHO, S. F. **Por uma Geografia do Sagrado**. In. In. MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (orgs). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

GIL FILHO, S. F.; GIL, A. H. C. F. **Geografia da Religião: Estudos da Paisagem Religiosa**. In: VIII Encontro Nacional da ANPEGE – ENANPEGE, 2009, CURITIBA: ANPEGE, 2009

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” às multi-territorialidades**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

HOEFLE, Scott William. **Epistemologia e teoria cultural**. In. CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2012.

HOEFLE, Scott William. **Espaço e cultura**, Edição Comemorativa 1993-2018 Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6141> Acesso: 08 de out. 2021.

IEADAM. Nossa História. **História da Assembleia de Deus no Amazonas**. Disponível em: <https://ieadam.com.br/nossa-historia/> Acesso: 26 jul. 2022.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol**. Mascarenhas de. Scripta Nova, Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales. N. 69 (23), 1 de agosto de 2000. Disponível em: ><http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-23.htm>< Acesso: 09 out. 2021.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo, Paulinas; Edições Loyola, 2004.

LACOSTE, Yves. **Paysages politiques**. Paris: Librairie Générale Française, 1990. Citado por: OLIVEIRA, Roberto Monteiro de. **Os descaminhos de uma ciência: Espaço ou território? Nação ou sociedade?** Jundiaí: Paco, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **Une pensée devenue monde. Faul-il abandonner Marx?** Paris: Fayard, 1980. 263 p. Citado por: LENCIONI, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

LEIS MUNICIPAIS. **Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus**, Título II, Artigo 2º, parágrafo único: Estratégias de Desenvolvimento. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-manaus-am> Acesso: 03 out. 2021

LENCIONI, Sandra. **Metrópole, metropolização e regionalização**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: um estudo de caso em Niterói. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, nº 56 (1/4), p. 135-164. Jan/dez 1994.

MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, nº 4, p. 36-49. Jun/dez 1997

MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Revista Espaço e Cultura** – n2 – (Junho. 1996). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996, p. 3649

MARC, Auge. **Não Lugares: Introdução à uma Antropologia da Supermodernidade**. São Paulo: Papyrus, 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2014.

MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (org). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009.

MIGNOLO, Walter D. **La Idea de América Latina: La herida colonial y La opción decolonial**. Barcelona: Gedisa editorial, 2007.

MISSÃO URGENTE. **Com mais de 8 mil templos, igrejas cresceram 325% em Manaus nos últimos anos**. Disponível em: <https://www.missoesurgente.com/2021/04/com-mais-de-8-mil-templos-igrejas.html> Acesso: 28 mai. 2022

MONDIN, Batista. **O homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica**. 9ª edição. São Paulo: Paulus, 1980.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/gidecelle/geografia-pequena-historia-critica-antonio-carlos-robert-moraes>. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

MORFINO, V. **A causalidade estrutural em Althusser. Lutas Sociais**. São Paulo, v. 8 n. 33, p. 102-116, jul./dez. 2014.

NASCIMENTO DA SILVA, O. R., & COSTA, L. M. (2021). O Pastor de internet e a mediatização digital da religião. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura (ISSN: 2358-212X)**, [S.l], v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4522>. Acesso em: 20 jul. 2022.

NASCIMENTO, G. R. **O modelo Missionário da Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas e sua Relação com os Baré em São Gabriel da Cachoeira – AM**. 2020. 123. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

OLIVEIRA, Hélio Cardoso Miranda de. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. In: **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, n. 34, v. 2, p. 135-161, ago./dez.2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281637525_Espaco_e_religiao_sagrado_e_profano_uma_contribuicao_para_a_Geografia_da_Religiao_do_movimento_pentecostal Acesso em: 29 jun. 2022.

OLIVEIRA, Roberto Monteiro. **Os descaminhos de uma ciência: espaço ou território?** Nação ou sociedade? Jundiaí: Paco, 2019.

OTTO, R. **O Sagrado: os aspectos irracionais da noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal /Vozes, 2007.

PACHECO, Marina Rute; FONSECA, Dilaze Mirela. **Evolucionismo e difusionismo cultural**. Disponível em: <http://ant1mcc.blogspot.com/2009/04/difusionismo-e-evolucionismo.html> Acesso: 31 mar. 2021

PEREIRA, Clevisson Junior. **Geografia da religião: um olhar panorâmico**. RAEGA. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. N. 27 (2013), p. 10-37. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/30414-111663-1-PB.pdf> Acesso: 15 agos 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. **Uma concepção de território, territorialidade e paisagem**. Pereira, Silva Regina et al (orgs.) **Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais**. 1 ed. São Paulo: expressão Popular, 2010.

RICOEUR, **Le symbole donne à penser**. Esprit, 27/7-8, 1959. Citado por: VILHENA, Maria Ângela; MARIANI, Ceci Baptista. **Teologia e Arte: Expressões de transcendência, caminhos de renovação**. São Paulo: Paulinas, 2012.

RICOEUR, Paul. **O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. 1978

RIES, Julian. **O Sagrado na História da Humanidade**. Petrópolis: Vozes, 2017

ROSENDAHL, Z. **Estratégias político-religiosas: ampliação, desmembramento e fragmentação de territórios religiosos - alguns exemplos**. In: **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2ª Ed. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2002, 92p. Coleção Geografia Cultural.

ROSENDAHL, Zeny. **O Sagrado e o urbano: gênese e função das cidades**. In. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, edição comemorativa, p. 149-156, 1993-2008.

ROSENDAHL, Zeny. **Território e territorialidade: uma perspectiva Geográfica para o estudo da religião**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina,

20 a 26 de março de 2005, Universidade de São Paulo. Disponível em: >www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/2005/05/12.shtml< Acesso em: 15 Agos. 2019

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma proposição temática**. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (org). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial: Críticas e Alternativas**. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SAUER, Carl. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 (1925), p. 12-74.

SILVA, Edgar Soares da. Estudo Socioambiental sobre a Bacia Hidrográfica do Mestre Chico: Manaus-Am. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SOUSA, Adriano Amaro de. **Caderno prudentino de geografia**. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Presidente Prudente, AGB, vol.1, nº 1, p. 119 - 132, 1981. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2431/2077> Acesso em: 06 out. 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Com o Estado, apesar do Estado, contra o Estado: os movimentos urbanos e suas práticas espaciais, entre a luta institucional e a ação direta**. Cidades, Vol. 7, nº 11 [número temático Forma espacial e política(s) urbana(s)], p. 13-47, 2010.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.

STETZER, Ed. **Plantando Igrejas Missionais: como plantar igrejas bíblicas saudáveis e relevantes à cultura**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia Física(?) Geografia ambiental (?) ou Geografia e ambiente (?)**. In: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. org. **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da Universidade F. do Paraná, 2009

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo** (Série Pensamento Moderno), 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

